

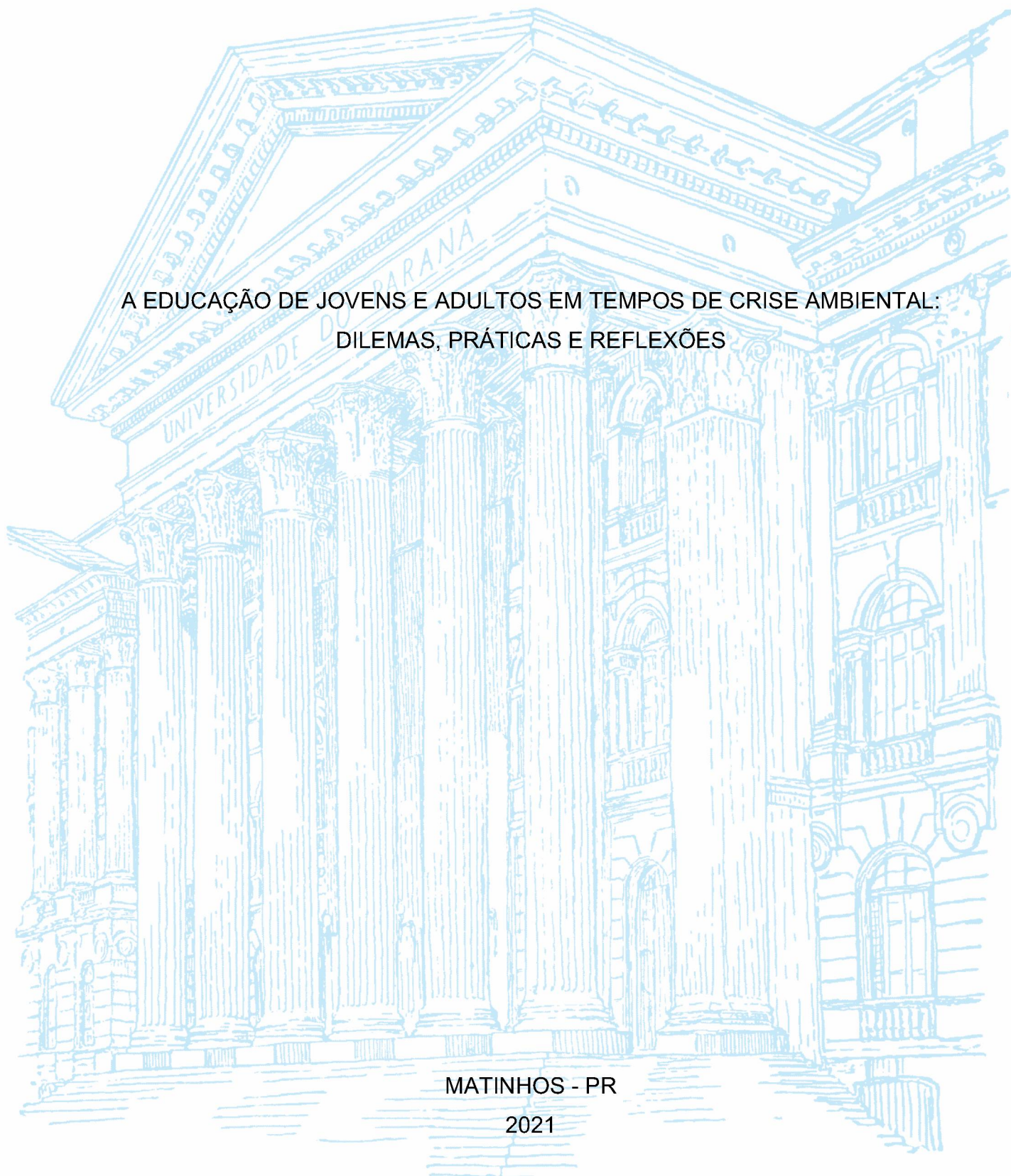
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GILVANES COSTA DOMINGUES

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM TEMPOS DE CRISE AMBIENTAL:
DILEMAS, PRÁTICAS E REFLEXÕES

MATINHOS - PR

2021



GILVANES COSTA DOMINGUES

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM TEMPOS DE CRISE AMBIENTAL:
DILEMAS, PRÁTICAS E REFLEXÕES

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre no Ensino das Ciências Ambientais, Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais, setor Litoral, da Universidade Federal do Paraná. Área de Concentração: Ciências Ambientais. Linha de Pesquisa: Ambiente e sociedade.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Elisa de Castro Freitas

MATINHOS - PR

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte
Biblioteca da Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral

D671 Domingues, Gilvanes Costa
A educação de jovens e adultos em tempos de crise ambiental: dilemas, práticas e reflexões / Gilvanes Costa Domingues ; orientadora Ana Elisa de Castro Freitas. – 2021.
75 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, Matinhos/PR, 2021.

1. Educação ambiental. 2. Educação de jovens e adultos. 3. Crise ambiental. I. Dissertação (Mestrado) – Mestrado Profissional em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais. II. Título.

CDD – 333.7071

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em REDE NACIONAL PARA ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **GILVANES COSTA DOMINGUES** intitulada: **A Educação de Jovens e Adultos em tempos de crise ambiental: dilemas, práticas e reflexões**, sob orientação da Profa. Dra. ANA ELISA DE CASTRO FREITAS, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

MATINHOS, 31 de Março de 2021.

Assinatura Eletrônica

31/03/2021 17:37:29.0

ANA ELISA DE CASTRO FREITAS

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

31/03/2021 19:32:33.0

LOURIVAL DE MORAES FIDELIS

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

01/04/2021 09:10:39.0

ANDREA FRANCINE BATISTA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Dedico à minha família alicerce de meu ser. Aos docentes UFPR/ Litoral pela credibilidade, conhecimento e enriquecimento em minha vida de valores humanos e sociais.

AGRADECIMENTOS

A todos que contribuíram como fator imensurável nessa labuta pela conscientização por um mundo melhor. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Agência Nacional de Águas (ANA).

“Deixa a vida me levar, vida leva eu...”
(Zeca Pagodinho)

RESUMO

O presente estudo, em caráter de ensaio, busca refletir sobre a vida de jovens do campo e da cidade frente às dinâmicas do mundo capitalista selvagem e globalizado, compreendido como um modo de domínio que transforma e se apropria vorazmente nas esferas sociais e ambientais. O fio condutor da narrativa é a trajetória do autor, educador, ambientalista e originário de contexto agrícola no interior do estado do Paraná, atravessado por transformações decorrentes da mecanização e industrialização da agricultura. Tal trajetória é posta em diálogo com registros de classe, realizados entre o período de 1995 à 2019, durante aulas ministradas pelo autor enquanto professor da educação de jovens e adultos/EJA no município de Abatiá (PR) e Curitiba (Capital Paranaense). Busca-se refletir sobre o papel da educação diante de um conjunto de temas socioambientais, entre eles: as imposições da revolução agrícola e industrial sobre os padrões locais de produção e consumo, o processo migratório e as transformações no campo e na cidade, os impactos ambientais sentidos nas vidas das pessoas em decorrência da contaminação ambiental e alimentar resultante do uso de agrotóxicos. O ensaio é um convite à reflexão sobre uma ecologia na prática, centrada na análise de nossas vidas, cujos valores sociais se veem ameaçados em prol do “progresso” exigindo outras abordagens de educação ambiental.

Palavras-chave: 1. Meio-ambiente; 2. Capitalismo; 3. Regionalismo; 4. Migração; 5. Educação; 6. Valores.

ABSTRACT

This study, as an essay, seeks to reflect on the lives of young people from the countryside and the city in the face of the dynamics of the wild and globalized capitalist world, understood as a mode of domination that transforms and voraciously appropriates itself in social and environmental spheres. The guiding thread of the narrative is the trajectory of the author, educator, environmentalist and originally from the agricultural context in the interior of the state of Paraná, crossed by transformations resulting from the mechanization and industrialization of agriculture. Such trajectory is put in dialogue with class records, carried out between 1995 to 2019, during classes taught by the author as a teacher of youth and adult education / EJA in the city of Abatiá (PR) and Curitiba (Capital Paranaense). It seeks to reflect on the role of education in the face of a set of socio-environmental themes, including: the impositions of the agricultural and industrial revolution on local patterns of production and consumption, the migratory process and changes in the countryside and in the city, the impacts environmental effects in people's lives due to environmental and food contamination resulting from the use of pesticides. The essay is an invitation to reflect on an ecology in practice, centered on the analysis of our lives, whose social values are threatened in favor of "progress" requiring other approaches to environmental education.

Keywords: 1. Environment; 2. Capitalism; 3. Regionalism; 4. Migration; 5. Education; 6. Values.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 MEMORIAL	20
3 CAPÍTULO I: RETROSPECTIVA SOBRE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	28
3.1 O NEOLIBERALISMO E A EDUCAÇÃO DE ADULTOS.....	31
3.2 NEOLIBERALISMOS, GLOBALIZAÇÃO E SEUS RESULTADOS.....	35
3.3 O BANCO MUNDIAL: AGENTE CENTRAL NO PROCESSO DE GLOBALIZAÇÃO DO CAPITALISMO	38
3.4 ALTERAÇÕES NA RELAÇÃO PROFESSOR E ESTUDANTE	40
4 CAPÍTULO II: A PRODUTIVIDADE	42
4.1 A PEDAGOGIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	42
4.2 A PESQUISA CIENTÍFICA.....	42
4.3 O CORPORATIVISMO DOCENTE	43
4.4 AS PRIORIDADES.....	44
4.5 HUMANIZAR A EDUCAÇÃO	44
4.6 FREIRE E A EDUCAÇÃO DE ADULTOS	45
4.7 O DIÁLOGO	46
4.7.1 O conflito e a consciência crítica	46
4.8 O EDUCADOR, O AMBIENTE ESCOLAR E A PERMANÊNCIA DO ESTUDANTE NA ESCOLA	47
4.8.1 A educação libertadora e o desmonte da educação bancária.....	47
4.8.2 A prática ética evita a evasão escolar na EJA.....	48
4.8.3 O ensino à pesquisa torna os estudantes do EJA sujeito de sua própria educação	48
4.8.4 A educação dialógica reinventa a educação	49
4.8.5 O ser humano adulto é um sujeito histórico	54
5 CAPÍTULO III: ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA EMPÍRICA	56
5.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA	56
5.2 MARCO CONCEITUAL	60
5.3 SUJEITOS DA PESQUISA	63
5.4 INSTRUMENTOS DE PESQUISA	68
5.4.1 Metodologia utilizada em sala de aula	69

5.4.2 Trabalho e problema familiares	69
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
REFERÊNCIAS.....	73

1 INTRODUÇÃO

Vivemos em pleno século XXI na era da globalização cujo conjunto de transformações afeta todos os âmbitos na questão educacional, econômica, política, social, cultural, ambiental, essas mudanças são consequências das alterações que tornaram a tecnologia ainda mais avançada, por meio da reestruturação do sistema de produção e desenvolvimento, modificações no meio ambiente, sistema financeiro, organização do trabalho e hábitos. Sendo assim muitos adultos retomam seus estudos teóricos por exigência do mercado de trabalho, oportunidade essa que muitos não tiveram no passado, pois quando jovens sua vida interiorana estava direcionada ao trabalho braçal rural; porém, sua experiência de vida longe dos bancos escolares contribui decisivamente na complementação no que tange a educação formal; cuja relação direta in loco com o meio ambiente auxilia notoriamente nesse quesito, teoria aliada a prática sobre os impactos da degradação ambiental em nome do “agro business”.

Essa dissertação tem como foco o aluno adulto na EJA, faixa etária 30 a 80 anos, oriundos do processo migratório para a capital Paranaense, e os que permaneceram na região agrícola do norte pioneiro paranaense, pretende captar até que ponto a política neoliberal (capitalismo selvagem) interfere e modifica a personalidade de cada indivíduo, abrangendo desde cultura, valores familiares, sobrevivência, representações, influenciadoras da corrente migratória e suas expectativas em relação à conclusão dos estudos básicos em suas vidas, concomitante valorização de seu relato vivencial empírico em detrimento ao mundo contemporâneo em todas as esferas macroeconômicas sociais e ambientais. Gerar questionamentos epistemológicos de como os educamos e/ou reeducamos formalmente sobre a problemática ambiental, diante de vários discursos teóricos emblemáticos, empolgantes e na prática deixa a desejar; apresento como pequena contribuição minha experiência de vida; tanto teórica como prática sobre o desafio ambiental milenar; minimizar as repercussões negativas da falta de comprometimento em várias esferas diante da importância da preservação, longevidade da vida humana saudável. O foco da discussão será o discurso teórico e a prática efetiva no que tange bem viver, alimentação saudável entre outras vertentes que abrangem o quesito meio ambiente sob a ótica da EJA. A visão aqui discutida dever ser encarada como um convite à reflexão sobre o futuro que nos

espera. Como um espelho que reflete nossas atitudes momentâneas. Cidadão de papel; pois muitas ações por mais que sejamos persistentes nos remete, direciona, projeta somente ao reflexo do espelho (ostracismo).

Ao longo da história, diante de meus estudos, sinto que a visão da preservação ambiental foi gradativamente substituída ora por vezes modismo, oportunismo, padrões sociais, econômicos, tecnológicos e/ou culturais. Pondo em xeque, a real e efetiva conscientização.

Quando pensamos contemporaneamente sobre nossas práticas, atitudes sociais do mundo que nos cerca à reflexão é uma constante; surgem inúmeras perguntas de agir, ser, repensar.

O Bem Viver deve estar intrinsecamente ligado ao coletivo e não somente de forma individualizada; fundamentada na qualidade de vida.

(...) o Bem Viver com sua proposta de harmonia com a Natureza, reciprocidade, relacionalidade, complementaridade e solidariedade entre os indivíduos e comunidades, com sua oposição ao conceito de acumulação perpétua, com seu regresso ao uso, o Bem Viver, enquanto ideia em construção, livre de preconceitos, abre as portas para formular visões alternativas de vida (ACOSTA, 2016).

Mais vale simplificação do que a exaustão a ápice da conscientização, cuja visão reducionista é trocada pela efetividade de tais ações. Não desejo afirmar que certas metodologias e épocas eram melhores que as outras, mas sim; como os agentes/gentes transformaram e transformam em prol do “progresso” o meio ambiente. Tantos mecanismos cujo reconhecimento do progresso tende a nos fadar ao obscurantismo da hipocrisia, relegando aos menos favorecidos financeiramente no mundo capitalista toda problemática ambiental; chavão “Caipira, boia-fria, pobre, faz supletivo, sem estudo, não tem consciência ambiental”. Será? O sistema voraz da produção industrial moderno contribui para o desequilíbrio ambiental, do comodismo para a produção em larga escala massiva de lixo “reciclável”; cujo destino final em sua grande maioria, são aterros, rios e mares, colapso ambiental.

Conferências teóricas como renomados especialistas, discursos acalorados, ovacionados sobre Meio Ambiente e na prática dia a dia deixa a desejar.

Inquestionavelmente prolongamos historicamente nossa longevidade no planeta. Porém a qualidade de vida é uma incógnita. Equilíbrio e saúde;

determinantes socioambientais, interligados nessa perspectiva. “Questionar se hoje é suficiente dar anos à vida ou, prioritariamente, vida aos anos” (ALLEYNE, 2001).

Ao abordarmos a origem da vida e a qualidade da mesma, deparamos com vários questionamentos influenciadores emergentes que interferem diretamente nesse processo. Doenças se alastrando de forma epidêmica.

Essa dissertação traça minha trajetória pessoal concomitante aos alunos da EJA; oriundos no Norte Pioneiro Paranaense; em detrimento de ações cujos conceitos/ focos estão intimamente ligados à reflexão/ educação sobre o meio ambiente que nos cerca. Aduzo minha terra natal Abatiá Norte pioneiro paranaense; parcimônia com as vantagens e/ou desvantagens em viver numa cidade bucólica; predomina a agricultura, não tem indústrias, cujo tempo parece “passar devagar”!

Tração animal ainda é uma constante, sem semáforos, cujo engarrafamento inexistente!

Não me esqueço de ti, ó Abatiá de flores, luz de meu berço, no amanhecer de minha existência! Lugar bendito, onde recebi o primeiro beijo de minha mãe e as alegrias de um venturoso porvir. Ali tudo me é poesia: poesia os campos e as matas; poesia os córregos e o céu estrelado, que me rouba horas e horas de contemplação (GUERGOLET, 1972).

Terra e água elementos indissociáveis como o sangue que corre em nossas veias; campos e matas no passado não eram vistos como meras mercadorias, objeto de direito, monopólio, exclusão. A modernidade padroniza tais ações, relegando e favorecendo o individualismo mercantilista. O embate entre o individual, religioso, cultural. O meio ambiente em um todo vai se exaurindo, entrelaçando como um nó! A moralidade religiosa em detrimento do capitalismo. Sagrado e Profano a natureza agonizando!

Leonardo Boff alerta o momento delicado que nosso planeta atravessa. À medida que avisa, também convoca os seres humanos a seguirem sua natureza de cooperação e solidariedade para realizarem uma mudança em direção ao que ele chama de “paradigma do cuidado e da responsabilidade coletiva”, a fim de não só assegurar a existência humana, como também de devolver vitalidade à Terra (BOFF, 2012).

Padrões e correntes da necessidade de aprofundamento em nossas ações ambientais e o quê queremos para gerações futuras! Cujo lema da digníssima

Polícia Militar Ambiental do Estado do Paraná: “A Natureza também pertence aos que ainda estão por vir.”

2 MEMORIAL

No raiar de 1972 nasce mais um pisciano. Enquanto isso no Mundo ocorre a Primeira Grande Conferência de Estocolmo das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente; cujo foco teórico “Preservação Ambiental”.

Marcou uma etapa muito importante na eco política internacional. Esta foi basicamente a primeira grande reunião organizada para concentrarem-se as questões ambientais e a primeira atitude mundial a tentar preservar o meio ambiente, visto que a ação antrópica gera séria degradação ambiental, criando severos riscos para o bem estar e sobrevivência da humanidade (RIBEIRO, 2010).

A consciência sobre a preservação ambiental passa por várias vertentes preservacionistas, uma delas o inatismo, que está intimamente ligada em sua vida a questão ambiental. Acredito veemente que estou inserido nesse contexto. O destino reservou-me uma infância salutar, em uma pequena cidade bucólica, na qual a natureza convivia em harmonia com o ser humano. Riachos de águas límpidas, arborização refrescante, animais em abundância. Não via a hora de chegar o fim de semana, quando meu tio vinha vender rapadura na cidade e depois passava para me levar. Brincadeiras, cantarolando modas sertanejas de raiz, sem preocupação, contemplando a natureza. Uma passadinha na ponte, o riozinho da várzea alegre nos chamava para um mergulho. Quando chegava ao sítio era uma festa, tinha cinco primos cuja faixa etária era bem próxima, íamos brincar em uma mata ciliar. Descalço na terra roxa (vermelha), minha dor insuportável de perna (febre reumática) desaparecia. Contribuição e contemplação que tenho pela sagrada Gaia.

Ao entardecer minha querida tia já estava com o jantar pronto, simples, porém, deliciosamente temperado. Não tinha energia elétrica e nem toalha de algodão, os branquíssimos sacos de açúcar, somado ao chuveiro de latão era uma festa para o banho. Antes do jantar feito no fogão a lenha, meu tio fervorosamente religioso e ambientalista nos repassava sermões, dentre eles a importância da preservação do meio ambiente, dizia: explorá-lo sem danificá-lo. Tais atitudes e conversas foram incutindo em meu ser. Tudo de gostoso e divertido estava intimamente ligado à natureza. “Naquele lugar ermo, estava eu, sempre olhando e contemplando o que ainda restava a selva e a relva, criança de mãos atadas não

intervinha no andar da carruagem, tudo ia acontecendo, premonições futurísticas, catastróficas em meu pensamento eram uma constante...”

Em nome do “progresso”, houve um surto devastador da “cafeicultura” na qual não se poupou nada, grandes reservas de mata nativa, vindo abaixo, um descampado só. Lastimei, ficando na lembrança, cujos alguns bairros ainda reportam a elas: Água das perobas, linda flora, pau d’alho, morro azul, torrão de ouro. Incomodando, assim, meu inconsciente. O desmatamento desenfreado, não poupando nem as matas ciliares, ocorreu uma resposta em curto prazo pela natureza, Grande Geada Paranaense em 1975.

Segundo Nadir Cancian (1977), após a segunda guerra mundial, a produção cafeeira sofreu algumas mudanças pelo aumento dos preços do café e o deslocamento do centro de produção de São Paulo para o Paraná, principalmente no Norte do Estado - Norte Novo em 1951, Norte Novíssimo em 1962 e em 1965 novamente o Norte Novo - onde se configurou como o maior centro dinâmico da atividade. No entanto, no ano de 1975, a grande geada que atingiu o Paraná dizimou toda produção cafeeira do Estado. Na alvorada de 16 de julho de 1975, os termômetros chegaram a registrar 3 graus negativos no abrigo e 9 graus abaixo de zero na relva. Um frio sem igual queimou os pés de café do topo até a raiz. Um cataclismo, diriam alguns, uma tragédia constataria outros. Enfim, uma única certeza: daquele dia em diante a região nunca mais seria a mesma. A paisagem verde, mesclada pelo branco das floradas que outrora enchiam os olhos dos cafeicultores, tão cedo não mais geraria os frutos vermelhos. No dia da “grande geada” um clima de profunda tristeza se instalou entre os munícipes.

(...) O maior desperdício que se encontra em quase todos os lavradores, não só deixando apodrecer as madeiras (...) podendo conduzi-las (...) para o armazém, como lançando-lhes fogo com o maior sangue-frio, como se estivessem fazendo grande coisa (...) em menos de uma hora deixam em cinzas aquilo que a natureza levou séculos a criar (MARTINS, 1994).

A imagem da destruição ficou gravado em minha mente, parecia catástrofe de Hiroshima e Nagasaki. Segundo relato dos agricultores da noite para o dia a geada devastou grande maioria dos cafezais norte paranaense. Castigo, pela ganância?

Vindo de uma família de agricultores e minhas tias professoras, muitos agricultores retomaram os estudos, cujo objetivo era a migração diante do caos da

geada, pois eram analfabetos e perguntava-me em meu ego! "Nossa! Tão grandes e ainda não sabem ler e escrever! Isso foi causando-me certa angústia e algumas vezes auxiliava-os apesar da pequena idade nas escolas rurais. Porém, tal deficiência escolar não os impedia do trabalho rural visto que deveriam restabelecer uma parcimônia (respeito) com a natureza.

A partir desse momento abracei a causa. Labuta para conscientizar gerações futuras sobre a importância dos estudos teóricos e práticos para amenizar a problemática ambiental em todas as esferas. Incomodava-me quando os professores solicitavam maquete na qual o material utilizado em sua grande maioria era isopor, questionando-me sobre a falta de criatividade por parte dos discentes e docentes. Trabalhos, porém, com material reciclável, na época de 80 não era visto com "bons olhos por parte das escolas", nota razoável tive, se comparado as maquetes "transcendentais /artificiais/superficiais" na qual presenciei. Empecilho, questionamentos por parte de familiares, minha emblemática pelo reaproveitamento, já que meu avô paterno era visto como entulhador de tranqueiras, não me abati, reutilizava/reaproveitava o que tinha, para confeccionar meus próprios brinquedos e alguns amigos foram no embalo.

Nas décadas de 80 e 90 como menor auxiliar a oportunidade de conhecer todos os sitiantes oriundos da minha região estava presente, pois trabalhava em uma instituição bancária, observação essa, vi os entraves burocráticos que eram destinados a financiamentos para pequenos agricultores, herbicidas e pesticidas sorrateiramente introduzidos como complemento "vitamínico e eficaz" para as plantas. Propagandas, brindes ao agricultor pequeno e latifundiário, tapinhas nas costas e empresas multinacionais gananciosas com seus emblemas de caveira eram enfiadas por "goela abaixo" como maior naturalidade. As frustrações/decepções amorosas eram solucionadas com a utilização dos mesmos para o suicídio. Plantas, sementes modificadas de grão em grão, gota em gota como uma ampulheta sem real estudo de sua eficácia, mas em nome da sustentabilidade mundial em escala monumental industrial foram introduzidas. A razão "express" para humanidade tem que continuar fadando o alimento orgânico como uma problemática pela baixa e lenta produção, empecilho direcionado ao pequeno agricultor.

O conhecimento produzido em laboratórios de grandes empresas, em associação cada vez mais estreita com o Estado, a propriedade intelectual

(patentes) se coloca em confronto direto com o conhecimento patrimonial, coletivo e comunitário característico das tradições camponesas, indígenas, afrodescendentes e outras originárias de matizes de racionalidade distintas da atomístico-individualista ocidental (PORTO, 1989).

No antigo segundo grau optei por fazer o Magistério, preconceitos a parte, formei-me como único sexo masculino dentro de um clã feminino. Já professor efetivo de 1ª a 4ª série, recebi como incumbência uma escola na distante zona rural, escola multisseriada, motivado fui lançar uma semente conscientizadora em um lugar inóspito, cujo destino só o futuro iria dizer. Encontrei à escola, na qual os pais receberam-me com certa desconfiança. Perguntaram-me: quem vai fazer a limpeza da escola, a merenda e ensinar? Com a maior naturalidade possível comecei a exercer tais profissões, alguns pais ficavam junto aos seus filhos e aos poucos aqueles que não eram alfabetizados de forma involuntária foram adquirindo o encanto pela mesma. Acreditando nesse encanto, pois via em suas mãos calejadas e olhos admirados pelas letras "a descoberta". Optei a nível superior pelo ingresso em licenciatura em Ciências, pois era a mais próxima que se encaixava em meus propósitos, posteriormente no quesito humanas, cursei licenciatura em História. Confiante e titulado em continuar meu árduo trabalho individual na conscientização ambiental.

Como professor formação de magistério, lembro-me quando inicialmente mostrei a todos discentes e docentes a problemática que nossa pequena cidade já estava enfrentando via de regra com o "lixo" sem a devida reciclagem. Zombaram de mim, dizendo que lá não existia, só em grandes centros urbanos. Fui ao "lixão" da cidade sozinho, filmei. Posteriormente assistiram junto com a música de fundo Planeta Azul compositores Xororó e Aldemir interpretados pelos cantores Chitãozinho e Xororó.

A vida e a natureza sempre à mercê da poluição
 Se invertem as estações do ano
 Faz calor no inverno e frio no verão
 Os peixes morrendo nos rios
 Estão se extinguindo espécies animais
 E tudo que se planta, colhe
 O tempo retribui o mal que a gente faz
 Onde a chuva caía quase todo dia
 Já não chove nada
 O sol abrasador rachando o leito dos rios secos
 Sem um pinga d'água

Quanto ao futuro inseguro
 Será assim de norte a sul
 A terra nua semelhante à lua
 O que será desse Planeta Azul?
 O que será desse Planeta Azul?

O rio que desse as encostas já quase sem vida
 parece que chora um triste lamento das águas
 vão perdendo a estrada, a fauna e a flora
 é tempo de pensar no verde
 regar a semente que ainda não nasceu
 deixar em paz a Amazônia, perpetuar a vida
 estar de bem com Deus.

Pedi que opinassem sobre a visualização, acharam horríveis, solicitaram que lhes contassem o lugar onde presenciei tal cena. Falei que se tratava de nossa cidade, não acreditaram. Simplesmente levei-os “in loco”, cuja pesquisa de campo resultou no embrião da conscientização.

Continuei com minha luta pessoal. Vindo para Curitiba com a visão de “cidade ecológica”, sonhava-me com o que a mídia transmitia, coleta seletiva de lixo, povo consciente. Decepção, deparei-me nas escolas em que lecionei sobre a mesma problemática. Participei de eventos teóricos como Agenda 21.

Recordando que em junho de 1992 reuniram-se na cidade do Rio de Janeiro mais de 35.000 pessoas, entre elas 106 chefes de governos, para participar da Conferência da ONU sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Considerada por muitos autores um divisor de águas a Rio 92 como foi chamada teve como seu principal produto um relatório que recebeu o nome de Agenda 21. De acordo o Ministério do Meio Ambiente (2000): “A Agenda não enfoca apenas situações voltadas à preservação e conservação da natureza. Considera questões estratégicas ligadas à geração de emprego e de renda; à diminuição das disparidades regionais e interpessoais de renda; às mudanças nos padrões de produção e consumo; à construção de cidades sustentáveis; à adoção de novos modelos e instrumentos de gestão”.

Sonhador acreditei que era possível minimizar situações caóticas nas escolas. Separação seletiva de todo material reciclável, cujo destino final era a reversão financeira, apesar de todos os entraves burocráticos, abracei tal causa. “Olhos tortos”, cara feia enfrentei de todos, porém, quando os olhos dos pequenos brilhavam de alegria por estarem participando do projeto, já era o suficiente.

Casado há 28 anos tem dois filhos. Previamente alguns episódios irei explicar: Minha filha, quando estudava na pré-escola a “Professora” perguntou; levante a mão quem nunca jogou um papel de bala no chão, de forma involuntária “ingenuamente” a mesma levantou a mãozinha, todas olharam na como se fosse coisa de outro mundo, tal atitude. Minha esposa atuando durante 6 anos como diretora na rede municipal, teve que impor de forma radical algumas atitudes até então impensáveis, o desperdício de pratos e copo descartáveis na escola era gritante. Simplesmente fez um grande mural de vidro para comportar canecas dos docentes e a substituição de pratos descartáveis por material reutilizável. Meu filho hoje com 25 anos, pertence ao quadro efetivo da Polícia Militar Ambiental do Paraná.

Acredito que sementes estão ramificando, cujas algumas têm êxito em sua germinação outras não. Hoje em Matinhos, tenho a graça de Deus em morar ao lado do Parque Florestal Rio da Onça, Riviera. Cujo passeio, traz-me paz de espírito em consonância com o meio ambiente, fiquei surpreso em saber que o local, era um antigo “lixão” do litoral, cuja natureza reverteu tal quadro, recompondo novamente uma linda Mata Atlântica.

Trabalho com educação de jovens e adultos, muitos oriundos das pequenas cidades do interior do Paraná, cuja economia está direcionada principalmente ao agronegócio devastador.

Diante da incógnita que o processo agrícola repassa aos pequenos agricultores cuja produção quando em abundância seu preço reduz drasticamente e a política de apoio governamental aos grandes produtores (latifundiários), torna mais difícil a sobrevivência do pequeno agricultor no interior do país e o processo de mecanização é uma constante, restando a esses trabalhadores a alternativa de tentar melhor condição de vida nos grandes centros urbanos. Infelizmente muitos adultos vem despreparados de cidades pequenas com baixa escolaridade para grandes centros urbanos que tange a escolarização formal, porém sua vivência in loco no campo é salutar, não sendo de grande valia no quesito empregatício nas megalópoles.

Vale ressaltar que a competição desleal entre pequeno agricultor e latifundiário transparece também na educação ambiental, desmatamento em prol da produção agrícola procura-se reproduzir a lógica da competição formando-se também como um mercado educacional, onde "a eficiência pedagógica é buscada

através da pedagogia da concorrência, da eficiência e dos resultados/produtividade." Pode-se citar alguns pontos, entre outros, que intermediam a realização dessa pedagogia, atenção à eficiência, avaliação constante dos resultados, busca de condições para que cresça a competição, ênfase na gestão escolar e na adoção de programas gerenciais e valorização da iniciativa privada. Nesse cenário a educação de adultos continua marginalizada.

Essa política transforma a escola num instrumento que obedece às mesmas regras que o mercado consumista, onde é necessário que prevaleça a competitividade e a produtividade a qualquer custo sem consonância e respeito ao meio ambiente, de acordo com a visão latifundiária e empresarial, enquanto a necessidade maior se dá na esfera da participação dos sujeitos dotados de competências e habilidades para a participação na vida social, econômica e cultural para que contribuam para uma sociedade com forma e conteúdo "democráticos". Na prática ocorrem muitas contradições.

O novo trabalhador, inclusive aquele oriundo da EJA, deve ser mais flexível na ideologia neoliberal, fruto da educação geral, que forma novas habilidades cognitivas, versátil, capaz tecnológica e intelectualmente de aprender a aprender, porém não se esquecer de suas raízes positivas como fator motivacional e conscientizador de seu papel em parcimônia com a natureza.

Já que existem em abundância as novas tecnologias, não existe mais espaço para o trabalhador desqualificado ou para aquele que tem dificuldades para assimilar os novos conhecimentos, ou ainda, para quem não tem autonomia, que não saber criar ou trabalhar em equipe. Se for desqualificado, baixa escolaridade está excluída do processo produtivo atual. Na educação de adultos se constata um esforço por parte do aluno para aprender a aprender, depois de um exaustivo dia de trabalho, mas ele precisa que também os professores tenham a competência de aprender a ensinar, concomitante valorização de sua experiência de vida.

À medida que se habitua ao exercício de uma prática interdisciplinar, o professor passa a identificar aspectos mais próprios do conhecimento do homem, tais como o analógico ou o metafórico, percebe que a coisa a conhecer não se esgota nela mesma, vivencia a possibilidade de se deixar conduzir por outras dimensões que não apenas as concretas ou racionais, como por exemplo, a simbólica (FAZENDA, 2001).

Os fundamentos para a valorização da cultura dos alunos do campo adultos da EJA para se entender o processo de formação do conhecimento e sua passagem para o conhecimento científico num contexto de Brasil, em geral deve ser uma constante.

(...) a transformação da Educação depende, naturalmente, de uma transformação global e profunda da sociedade; a própria Educação funciona como um dos fatores de democratização da sociedade, e o sentido de qualquer política educacional democrática têm em vista determinadas transformações essenciais da sociedade. Em termos de uma visão sintética, e totalizadora, diríamos que a educação e a democratização da sociedade são entidades reais e processos concretos interdependentes – um não se transforma nem pode transformar-se sem o outro (Jr. PRADO, 2003).

É como um mundo bipolar, uma moeda e/ou um quadro emoldurado. Cujas linha central/divisória são os personagens da EJA oriundos da zona rural. Vivenciaram e ainda vivenciam de forma antagônica os dois lados da moeda na vida real: meio ambiente versus consumismo.

3 CAPÍTULO I: RETROSPECTIVA SOBRE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Desde a primeira constituição brasileira, de 1824, a garantia da instrução primária gratuita para todos os cidadãos estava confirmada. No entanto, não se fez presente no decorrer de todo período imperial (HADDAD, 1987).

Só para se ter uma ideia, em 1890, 82% da população acima de cinco anos era analfabeta. Na primeira República, embora houvessem sido realizadas diversas reformas educacionais, elas não vigoraram na prática da Educação de Jovens e Adultos. Por esse motivo, o censo de 1920 indicava que 72% da população acima de cinco anos eram analfabetas.

O processo de reformulação da função do setor público no Brasil ocorreu depois da Revolução de 30, período no qual a Nação passou a se firmar e se tornou mais sólida por meio da Constituição de 1934, a educação de adultos foi, na história da educação brasileira, "o primeiro movimento de caráter extensivo fora dos moldes tradicionais das escolas noturnas, mas principalmente pelo seu aspecto político" (PAIVA, 1973).

Em 1940, houve O recenseamento geral o qual divulgou que 55% dos brasileiros com 18 anos eram analfabetos. Essa notícia impulsionou o País a realizar um combate de abrangência nacional contra o analfabetismo (PAIVA, 1985).

Surgiram campanhas de alfabetização que tinham o aval da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) para países com grandes desigualdades sociais. Foi projetada a implantação de uma rede de ensino primário supletivo para adultos analfabetos (PAIVA, 1985).

Em 1958 efetuou-se a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo a qual pretendia oferecer oportunidade de escolarização em cinco anos a toda população de 7 a 15 anos, juntamente a serviços assistenciais, mas tanto uma quanto outra "tiveram vida curta e pouco realizaram" (HADDAD, 1987).

Segundo Moura (1999), até o final da década de 50 a história da educação de adultos caminhou ao lado da história dos modelos econômicos e políticos e da história dos grupos que estão no poder.

No final da década de 50 até a metade da de cada de 60 houve uma revitalização da educação de adultos de tal modo que em 1958 houve o II Congresso Nacional de Educação de Adultos, no qual Paulo Freire defendeu um relatório denominado A educação de adultos e as populações marginais: o problema

dos Mocambos. Ele propunha uma educação de adultos que despertasse a colaboração, a participação e a responsabilidade social e política, foram apresentadas também diversas teses que contribuíram, no ponto de vista de PAIVA (1973), para iniciar a transformação do pensamento pedagógico brasileiro.

A partir de 1962 passa a ser sistematizado o método Paulo Freire, que:

(...) não era uma simples técnica neutra, mas todo um sistema decorrente no qual a teoria informava a de ideias pedagógicas e filosóficas mas amplas e representava tecnicamente uma combinação original das conquistas da teoria da comunicação, da didática contemporânea, e da psicologia moderna. Enfatiza que Freire, ao partir de uma visão cristã de mundo e das influências recebidas pelo pensamento isebiano nos oferece em termos teórico-metodológicos uma formulação original (PAIVA, 1973).

A partir de 1964, a política do país foi reordenada para proporcionar a efetivação da dinâmica capitalista, com repressão direta aos trabalhos desenvolvidos na educação popular. Então a educação básica para jovens e adultos ficou à mercê dos governos autoritários. Haddad (1987) comenta que:

(...) este setor da educação (a escolarização básica de adolescentes e adultos) não poderia ser abandonado por parte do aparelho do Estado. Por um lado, seria incompatível a proposta de um grande país com os baixos índices de escolaridade; por outro, havia necessidade de dar respostas a um direito de cidadania cada vez mais identificado como legítimo (...) (Haddad, 1987).

É interessante observar que na década de 60 e 70 a proposta de educação e alfabetização de adultos foi o único referencial reconhecido por outros pesquisadores como Giroux (1997) para quem Paulo Freire apresentou um dos poucos modelos práticos e libertadores sobre o qual se desenvolve uma filosofia radical da alfabetização e da pedagogia. Embora as ideias e proposta metodológica de Freire tenham se fortalecido na educação de adultos, não se tornaram hegemônicas, afirma Moura (1999).

No período militar, foi proibida a utilização da proposta de Paulo Freire. Em 15 de dezembro de 1967, foi criado o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) por meio da lei nº 5.379, que nos quatro primeiros meses alcançou uma média de 500.000 alunos deixando clara a necessidade de dar continuidade aos cursos

(PAIVA,1985) e de definir, posteriormente, o ensino supletivo, em 1971, por meio da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) n. 5692.

A política educacional de adultos passou a ser entendida como educação e investimento, teleducação e tecnologia educacional, ou seja, a educação era alinhada ao modelo global, buscando racionalizar os recursos e estabelecendo metas.

Segundo Haddad (1987) para haver revolução educacional era necessário formar uma infra-estrutura de recursos humanos que pudesse atender as necessidades socioeconômicas, políticas e culturais, o rendimento e a eficiência do sistema educacional.

Esta meta será atingida através da melhoria da qualidade de ensino, eliminando a capacidade ociosa, planejando um aumento quantitativo de oportunidades, adaptando os currículos à realidade nacional e às peculiaridades regionais, e pela inter-relação da educação, pesquisa e tecnologia com o desenvolvimento global do país (BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, in: HADDAD, 1987).

No início dos anos 80 teve início o processo de abertura democrática que fez o caminho de volta dos educadores que haviam saído do Brasil, como Paulo Freire, e que trouxeram novas experiências em educação de adultos. Organismos internacionais agiram para impedir o crescimento dos níveis de analfabetos dos jovens e adultos, porque com a revolução da ecologia a qualificação da mão de obra se tornou mais importante para a produção da mais-valia. Desse modo a educação básica e secundária passou a ganhar valor nas reformas. Era importante que houvesse investimento na educação de todos.

O governo federal assumiu a articulação de algumas ações e passou a responsabilidade para os estados e municípios para a formação da mão-de-obra.

Atualmente, segundo Gentili (2001), dentre os 65 milhões de jovens e adultos que não terminaram o ensino básico, 3º milhões não frequentaram nem os quatro primeiros anos escolares. Eles são conhecidos como analfabetos funcionais.

Aproximadamente 16 milhões não sabem ler e escrever, 19 municípios dos mais de 5.5 mil têm escolarização acima de oito anos.

No entanto, o Censo Escolar 2018 indicou um crescimento de 12,2% nas matrículas de jovens e adultos na rede oficial, ou seja, mais de 4,2 milhões

retornaram aos estudos. Os alunos estão sendo atraídos para a escola, mas somente 30% deles permanecem até o final do curso.

A forma de organização curricular deve intencionalizar atividades e processos que garantam e exijam sistematicamente a relação prática-teoria-prática vivenciada no próprio ambiente social e cultural de origem dos estudantes (MOLINA; SÁ, 2011).

Após essa breve retrospectiva nacional e institucional, para entender melhor as dificuldades encontradas no âmbito da educação de adultos, torna-se importante analisar um pouco o contexto neoliberal dos dias atuais, se fará, em seguida, a identificação das prioridades da educação de adultos na proposta de Paulo Freire e outros autores, que garantem um ambiente interno atrativo, valorização da sua trajetória de vida que contribui para a manutenção do aluno adulto na EJA.

3.1 O NEOLIBERALISMO E A EDUCAÇÃO DE ADULTOS

O Neoliberalismo tem como origem o próprio liberalismo, doutrina que enfatiza o indivíduo e sua liberdade e o livre jogo das ações individuais que, conforme se acredita, levam ao interesse geral. Essa doutrina visa limitar os poderes do Estado e aumentar a independência do Legislativo e Judiciário em relação ao executivo.

A palavra foi empregada pela primeira vez em 1823, mas a palavra "liberal" já era utilizada em 1750, no final do século XVII e começo do século XVIII. É a expressão ideológica de uma nova classe social, a burguesia, que emergiu na Baixa Idade Média (SCHILLING, 1998).

A escola liberal foi representada no século XVIII e XIX por Adam Smith, Malthus, Ricardo, John Stuart Mill, na Inglaterra; Jean-Baptiste Say, Frédéric Bastiat, na França. José da Silva Lisboa (visconde de Cairú), no Brasil. A doutrina liberal que se desenvolveu no século XVIII opôs-se ao absolutismo monárquico.

No desenvolvimento político destacam-se Anthony A. Cooper, Lorde Shafsterbury (1621/1683) e, na segunda metade do século XVII, John Locke (1623/1704) por meio de sua obra "Segundo tratado do governo civil" que marca o início da nova doutrina; Thomas Jefferson (1743/1826) junto com outros redatores

de O Federalista, William Gladstone (1809/1898), William James (1842/1910) e John Dewey (1859/1952).

Os liberais entendem que a ordem econômica se estabelece espontaneamente não devendo ser impedida pelo Estado. O equilíbrio entre a produção e a concorrência acontece por meio do ajuste entre a oferta e a procura.

Algumas categorias constituem a ideologia liberal, como o individualismo, a liberdade, a igualdade, a propriedade e uma nova concepção de justiça.

O individualismo é o fundamento do pensamento liberal. Quanto mais concentrado o poder, menor a liberdade, por isso ocorreu a divisão dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, para que se vigiassem mutuamente e resultassem na auto-realização do homem. A propriedade é vista como expressão material do individualismo (SCHILLING, 1998). O individualismo se apodera da pessoa para formular suas tarefas: o Estado substitui a Igreja, o indivíduo se afirma e domina o estado e toma seu cargo na ordem social e a relação indivíduo-sociedade se baseia na busca dos interesses particulares que cria o bem comum (SAVIANI, 1980).

A liberdade é um dos primeiros direitos individuais e se afirma na independência do indivíduo em relação à autoridade política e social. A igualdade é forma política e externa que tem como conteúdo a liberdade. A justiça é vista é reduzida à propriedade e a ela se subordina e então o político é determinado pelo econômico. "Os direitos políticos não são reconhecidos senão aqueles que, por sua situação, atingirem um nível de racionalidade suficiente para se ocupar dos negócios públicos e aqueles cujos interesses a sociedade garante." Dessa forma, a doutrina que havia sido criada para a emancipação da classe burguesa se transforma em disciplina do proletário, quando a classe operária começa a se organizar (SAVIANI, 1980).

O Estado Liberal entra em colapso juntamente ao colapso da etapa concorrencial do modo de produção capitalista e da ideologia liberal. Esse fato proporciona o surgimento de uma nova ideologia, o neocapitalismo, no qual o Estado é intervencionista e tem como uma das tarefas específicas a criação e manutenção de escolas e a promulgação de legislação específica para a educação que deve legitimar a ordem social (SAVIANI, 1980).

A partir de 1929, com o colapso da economia capitalista e a quebra da Bolsa de Nova Iorque, o mundo entrou na Grande Depressão dos anos 30, culminando no

aumento de desemprego. Foi então que a doutrina liberal clássica entrou em pane, a crença de que bastariam as leis do mercado para tirar o mundo da depressão não se realizou. J.M Keynes publicou sua Teoria Geral optando pela volta à intervenção estatal.

Segundo SCHILLING (1998), ela foi a base da formação do Estado de Bem-Estar Social, após a Segunda Guerra Mundial. Esse período se estendeu até a década de 70, interrompido por uma nova crise, quando, devido à guerra do Yon Kpur entre Israel e os árabes, os produtores de petróleo aumentaram bruscamente seus preços. Foi então que se desgastou o paradigma keynesiano e o Estado de Bem-Estar Social.

As raízes teóricas do neoliberalismo se encontram na Escola Austríaca, na segunda metade do século XIX, com Leopold von Wiese. Aflorou pela primeira vez em 1947, por meio de um grupo que combatia a política do Estado de Bem-Estar social, na Suíça. Contra eles Friedrich von Heyek escreveu um livro chamado "O caminho da servidão", considerado o Manifesto do Liberalismo. Outra vertente surgiu nos Estados Unidos na Escola de Chicago de Milton Friedman, que combatia a política de New Deal do presidente Roosevelt (SCHILLING, 1998).

O Neoliberalismo, doutrina "que defende um liberalismo moderno, restabelecendo a manutenção do livre jogo das forças econômicas e a iniciativa dos indivíduos, mas aceitando a intervenção limitada do Estado", é também chamado de estado neoliberal, por significar um novo tipo de estado presente há mais de duas décadas. Possui em seus fundamentos experiências de governos neoconservadores, dentre os quais se destacam: Margaret Thatcher, na Inglaterra e Ronald Reagan, nos Estados Unidos. Neoliberalismo e neoconservadorismo são denominados expressões do mesmo movimento de direita (APPLE, In: GENTILI, 1998).

O neoliberalismo propõe os mercados abertos, os tratados de livre comércio, a redução do setor público, a diminuição do intervencionismo estatal na economia e na regulação do mercado. Ele as associa aos programas de ajuste estrutural que se concretiza num conjunto de programas e políticas definidas pelo BM (Banco Mundial) e pelo FMI (Fundo Monetário Internacional), além de outras organizações financeiras.

O ajuste estrutural recomendado pelo neoliberalismo, na prática, diz respeito às políticas públicas tendo como exemplo: a redução do gasto do governo, a

desvalorização da moeda visando à exportação, a redução de tarifas de importação e o aumento das poupanças públicas e privadas.

Um dos aspectos importantes do modelo é reduzir drasticamente o setor estatal por meio da privatização de empresas paraestatais, da liberalização de salários e preços e uma reorientação à produção industrial e agrícola se eximindo de responsabilidades sócio ambientais objetivando a exportação a qualquer preço.

Em outras palavras, é um pacote de política pública que tem o objetivo de reduzir o tamanho do déficit fiscal, do gasto público, da inflação, das taxas de câmbio e tarifas em curto prazo. Em longo prazo, visa fazer das exportações o motor do desenvolvimento. Há uma liberação do intercâmbio internacional, redução de possíveis distorções na estrutura de preços, enquanto se busca terminar com as políticas de protecionismo facilitando o predomínio do mercado latino-americano (BITAR, In: GENTILI, 1995).

O ajuste estrutural, ou reestruturação econômica, está em consonância com os modelos neoliberais e visa também à diminuição da participação financeira do Estado em fornecer serviços sociais (saúde, pensões e aposentadorias, transporte público, habitações populares e educação), transferindo esses serviços sociais ao setor privado, uma vez que se entende o privado como competente, parte de um mercado livre, e o público, como ineficiente e antieconômico.

O estímulo para a circulação do capital em escala global é feito com Acordos de livre intercâmbio como o MERCOSUL, o Tratado de Livre Comércio entre Estados Unidos, México e Canadá, produção para exportação e diminuição de barreiras alfandegárias.

Se no estado de bem estar social realizava-se um pacto social entre trabalho e capital, no estado neoliberal acatam-se as demandas do mundo dos agronegócios. Porém há algo que se deve observar o abandono do intervencionismo do setor estatal não é total, mas diferencial, ou seja, é preciso que áreas em conflito sejam pacificadas:

É por isso que se iniciam programas de solidariedade social na Costa Rica e no México ou se desenvolve legislação para a proteção do menor (...) no Brasil e outros lugares da América latina. Em outras palavras, a modificação dos esquemas de intervenção estatal não se faz indiscriminadamente senão em função do poder diferencial das clientelas, razão pela qual não só levam a cabo políticas de solidariedade para os mais pobres como também se incrementam subsídios e transferências de recursos para os setores médios

e as classes dominantes - inclusive indo contra o princípio que se opõe ao protecionismo (SCHUGURENSKY, in: GENTILI, 1995).

O desmonte das políticas se faz de modo seletivo, buscando alvos específicos e propositais.

Embora se tenha afirmado anteriormente com APPLE que os modelos neoliberalismo e neoconservadorismo são a expressão do mesmo movimento de direita, cabe agora nomear que há uma contradição no interior deles.

Enquanto os modelos liberais e neoconservadores promovem o individualismo possessivo, ao mesmo tempo promovem as obrigações públicas de todos os cidadãos e estas não são compatíveis com a autonomia individual. O mesmo paradoxo se dá no campo econômico, cultural, ambiental, pois se promovem as preferências concebidas pelos indivíduos e também se busca uma seleção de alternativas de política pública.

Enquanto os modelos liberais e neoconservadores promovem o individualismo possessivo, ao mesmo tempo promovem as obrigações públicas de todos os cidadãos e estas não são compatíveis com a autonomia individual. O mesmo paradoxo se dá no campo econômico, cultural, ambiental, pois se promovem as preferências concebidas pelos indivíduos e também se busca uma seleção de alternativas de política pública.

ARROW, afirma então que "Este modelo de filosofia política não pode reconciliar facilmente indivíduos com preferências individuais autônomas e o estado como um lugar de negociações de tais referências" (ARROW, In: GENTILI, 1995).

3.2 NEOLIBERALISMOS, GLOBALIZAÇÃO E SEUS RESULTADOS

A reestruturação da economia, em âmbito planetário, tem sua expressão mais significativa na globalização econômica que inclui a globalização da ciência, da tecnologia e da cultura no contexto de uma profunda transformação da divisão internacional do trabalho.

Essa globalização acontece como consequência de mudanças ocorridas no meio ambiente, economia, informática e comunicações, já que elas aceleram a produtividade do trabalho e substituem o próprio trabalho pelo capital ao desenvolver

áreas novas com alta produtividade, consumo acima de todos e tudo. Satisfação do ego, somente com aquisição de bens materiais.

Essas mudanças tornam o capital altamente móvel por meio do intercâmbio internacional e por meio da velocidade da realização de investimentos de curto prazo e alto risco (CARNOY et al, In: GENTILI, 1995).

A palavra globalização é então utilizada para designar um conjunto de fatores econômicos, sociais, ambientais, políticos e culturais que expressam o espírito da época atual de desenvolvimento do capitalismo e tem por trás a ideologia neoliberal. Sugere a ideia de que o mundo está num processo acelerado de integração e reestruturação capitalista e que, para garantir o desenvolvimento do país, basta liberalizar a economia deixando que ela se autodefinha, criando um sistema mundial auto-regulado.

Os mercados não são homogêneos, mas segmentados no capitalismo e implica a existência de quatro níveis propriamente ditos:

- a) Um que responde às demandas do capitalismo monopolista que às vezes se revela altamente transnacionalizado;
- b) Outro que responde a um capitalismo não monopolista, mas representa um mercado de trabalho secundário;
- c) Um terceiro que corresponde ao setor público, ainda protegido da competição internacional;
- d) E aquele marginal, subterrâneo, que vai desde as transações ilegais, como o tráfico de drogas, animais, biopirataria, até o mercado informal.

Nos mercados segmentados, o pagamento por hora à força de trabalho é substituído por um pagamento contra a prestação de um serviço ou por um produto produzido. Diminui a classe operária e o poder dos sindicatos na negociação das políticas econômicas e na organização do pacto onde domina o estado. Cresce o setor de serviços e diminui a importância do produto nacional bruto, o setor manufatureiro.

As mudanças ocorrem quando a mão-de-obra é abundante e diminui os conflitos entre trabalho e capital. Cresce o número de carteiras não assinadas, fato associado ao aumento da competição internacional e à convicção que sindicatos e trabalhadores passam a ter de que não se pode pressionar demais às empresas,

perdem-se postos de trabalho e os capitais de mercados regionais de países regionais migram para os mercados globais do capitalismo internacional que visam contratar mão-de-obra altamente capacitada e qualificada por preços ainda mais baixos.

O capitalismo transnacionalizado recorre, além do aumento da produtividade per capita e à redução dos custos, à localização de fábricas nos locais isentos de impostos, sem interferência de sindicatos na negociação da mão de obra.

De acordo com GENTILI, a nova economia global:

É mais fluida e flexível, com redes de poder múltiplo e mecanismos de tomada de decisões que se assemelham mais a uma teia de aranha que a uma pirâmide de poder estática que caracterizava a organização do sistema capitalista tradicional. Enquanto o sistema de educação pública na velha ordem capitalista esta orientado para a produção de sujeitos disciplinados e para uma força de trabalho bem treinada e confiável, a nova economia reclama trabalhadores com grande capacidade de aprender, capazes de trabalhar em equipe, não só de maneira disciplinada mas criativa (PRZEWOSKI, OMAE, THUROW, In: GENTILI, 1995).

Há ainda a substituição dos trabalhadores de tempo integral para aqueles de tempo parcial, aumento da participação feminina, queda dos salários reais e um constante distanciamento entre os assalariados e o poder dominante. Em âmbito internacional acontece o mesmo fenômeno, ou seja, aumenta a distância entre as nações de capitalismo avançado e as nações em desenvolvimento, tendo como exceção as nações do Oriente, caracterizadas pela industrialização tardia.

Essa é uma realidade sentida no cotidiano dos alunos de Educação de Jovens e Adultos. Aqueles que não estão desempregados dão-se por vitoriosos pelo fato de trabalharem. Não se importam se em tempo integral, se em tempo parcial. O importante é conseguir trabalhar de alguma forma. Já conhecem de perto a amarga experiência da vida braçal rural e o desemprego.

Na educação, há uma lógica de planejamento estreitamente vinculada ao modelo de ciência normal (dominada pelo paradigma epistemológico do positivismo), o qual determina os passos de desenvolvimento do trabalho científico. Fundamenta-se na busca de padrões de regularidade e resultados reproduzíveis e universalizáveis. "Não reconhece a importância dos eventos não-lineares e as discontinuidades dos fenômenos da vida real". Despreza a subjetividade e a singularidade do pesquisador (GENTILI, 1995).

O método científico tem o objetivo de desenvolver argumentos que aprofundem as relações de causalidade e, se houver possibilidade, verificar como poderiam ser aplicados como leis ou regularidades empíricas, podendo também ser representadas matematicamente. As análises de maior alcance, que envolvem qualificações, não são aceitas para o planejamento de problemas delimitados e específicos, dentro de um tempo imediato.

Assim, a economia aparece como a ciência social modelo, uma vez que é considerada a ciência mais prática e importante por manipular dinheiro e poder. Por isso o conceito de desenvolvimento “sustentável” envolve o crescimento econômico.

3.3 O BANCO MUNDIAL: AGENTE CENTRAL NO PROCESSO DE GLOBALIZAÇÃO DO CAPITALISMO

GENTILI (1995) entende o Banco Mundial como uma agência de regulação, uma agência de empréstimo. Criado em 1962, interessa-se pela promoção do investimento econômico tendo como base o investimento de capital. Um elemento importante a ser observado é que o Banco Mundial exerce função não apenas de responder aos pedidos de empréstimo, mas ele mesmo toma a iniciativa de estimular os empréstimos. Ele faz diferente dos bancos comerciais no fato de emprestar capitais e receber juros pelos empréstimos. Seus empréstimos estão garantidos por serem avalizados pelos países.

Além disso, há ainda um mecanismo de funcionamento do BM que se vincula ao Fundo Monetário Internacional. Se o FMI não der seu aval, não haverá negociações com o BM. "Dois elementos condicionam radicalmente a formulação da política pública: a privatização e a redução do gasto público, políticas (...) compatíveis, das quais a primeira pode-se considerar, se não exclusivamente, ao menos como parte estratégica importante da segunda" (GENTILI, 1995).

Na política neoliberal a privatização tem importância fundamental, pois têm a tarefa de impulsionar o mercado. Com ela, reduz-se a pressão sobre o gasto fiscal, enquanto ela mesma se torna um instrumento propício para despolitizar as práticas regulatórias do estado em sua formação de políticas públicas. Como afirma CULPITT: comprar serviços contratados privadamente é um mecanismo administrativo de resolver problemas da legitimidade social do estado vinculada à

produção de serviços sociais. Além disso, é também um modo de emprestar do ethos empresarial da empresa privada, os sistemas de custo-benefício (CULPITT, In: GENTILI, 1995).

Com referência às políticas educacionais propriamente ditas o BM tem agido no sentido de democratizar o ensino com o apoio da educação da mulher, da educação básica e a qualidade da educação.

Mas esse também é um motivo de preocupação, conforme CORAGGIO, pois o BM é composto prioritariamente por economistas e não por educadores. E eles têm como finalidade a eficiência política, a liberdade de mercados e a globalização do capital. Usam como retorno taxas baseadas em renda pessoal, pelas quais “um ano adicionais de educação primária ou básica apresentará os melhores resultados em termos de aumento do produto interno bruto.” Então, se esse argumento na renda leva em conta que o principal recurso de um país em desenvolvimento é um reservatório de trabalhadores baratos produzindo (bens ou serviços) para a exportação, o aumento de renda não se dará nos países emergentes, mas nos países industrializados (CORAGGIO, In: GENTILI, 1995).

Devido aos motivos comentados acima, SAMOFF define o Banco Mundial como um complexo financeiro intelectual, uma prática científica que transnacionaliza o conhecimento por meio de uma comunidade de intelectuais prontos para serem contratados. Devido a posição que ocupa no financiamento de pesquisas e outras iniciativas, ele influencia não só na seleção dos tópicos das investigações (livros didáticos, qualidade, etc.), mas também na definição dos próprios termos ou variáveis e terminologias, podendo-se citar como exemplo disso a palavra desperdício escolar e também os temas considerados úteis ao banco para investir em educação.

Ficam em segundo plano as questões morais, conservacionistas e éticas por estarem em jogo os salários dos intelectuais. Elas são administradas com cinismo como mecanismo para que se acomodem às situações (SAMOFF, In: GENTILI, 1995).

Segundo PLANK, as preferências teóricas do banco determinam um investimento crescente na educação primária e na saúde (porque o retorno da educação primária é maior); descentralização administrativa, devido ao pressuposto de que os programas administrados localmente são mais econômicos; investimento na educação geral por ser esta mais produtiva e recuperação de custos de

investimentos. Neste caso, o BM pode estar exercendo um papel colonial, especialmente no fato das preferências de política educacional (PLANK, In: GENTILI, 1995).

Nas instituições reguladoras é a razão instrumental que dirige a lógica do capitalismo, no qual os meios se ajustam aos fins pré-estabelecidos. Por isso, SAMOFF sugere que sejam debatidas questões como as pesquisas feitas com subsídios dos organismos nacionais e internacionais que controlam os resultados, já que existem opções de metodologias participativas como alternativas à prática do positivismo (SAMOFF, In: GENTILI, 1995).

3.4 ALTERAÇÕES NA RELAÇÃO PROFESSOR E ESTUDANTE

Existe, portanto, um desafio técnico neoliberal, o desafio humanista.

Na atual didática ensino/aprendizagem o educando adulto é um objeto domesticado para o qual é repassado o conteúdo como sendo o de ensinar. Na didática aprender a aprender, a pessoa se torna capaz de criticar e criar, porque sua ciência é a atitude de pesquisa que tem como base o manejo e produção do conhecimento que cobre as condições educativas básicas:

O aprender a aprender indica uma visão didática composta de dois horizontes entrelaçados, persuadidos pela competência de construir a competência, em contato com o mundo, com a sociedade, num processo interativo produtivo. (...) Trata-se do campo mais específico da aprendizagem, mais voltada a cobrir conteúdos úteis ou necessários ao desempenho social. (...) combina com currículos intensivos, não com ofertas extensivas, repassadas pela vida da reprodução (por professores que apenas ensinam, não pesquisam, nem detêm capacidade de produzir conhecimento próprio) (DEMO, 1996).

O significado do aprender a aprender distancia-se do armazenamento de conhecimento copiado, decorado, com provas, com um repasse de conhecimento apenas, por meio de um professor que coloca o aluno em atitude passiva e imitativa.

Refere-se a um trabalho criativo que atualiza as teorias modernas de Piaget e Escola, Vygotsky, Bernstein, Habermas/Kohlberg, Freire e outros, além de introduzir nessas teorias a prática, com apoio eletrônico para facilitar o ambiente produtivo, revisando também os conceitos e práticas do conhecimento no contexto do aprender

a aprender, que desemboca num trabalho crítico por combater a redução do professor como ministrador de aulas. Combate também a pesquisa tida como atividade sofisticada e o entendimento da prática desarticulada da teoria.

O aprender a aprender está num processo estratégico que envolve três dimensões: filosofia, língua e matemática para que se saiba pensar em termos lógicos, cultivar espírito crítico e questionador, informar-se e transmitir informação. É de competência do professor moderno do qual se espera que desafie o aluno. Essa didática conjuga adequadamente o desafio técnico e humanista trazendo à modernidade uma expectativa mais aceitável (DEMO, 1996).

Na educação de adultos, um grande desafio para os professores é também o de saber considerar o aluno adulto, com seu saber específico adquirido no percurso de sua vida e que precisa ser levado em consideração na hora de ministrar as aulas. Respeitar sua filosofia, seus conhecimentos.

4 CAPÍTULO II: A PRODUTIVIDADE

Na educação para adultos, objetiva-se a elevação da qualidade de ensino nas escolas a fim de garantir que sejam promovidas a competitividade, a eficiência e a produtividade que o mercado exige. Em contrapartida, DEMO afirma que, ser produtivo não significa praticar a fantasia mercadológica. O sistema de mercado pode servir de motivação por se dar num contexto social contraditório. É nesse contexto que a pesquisa deve expressar-se concretamente, tanto na inovação científica e tecnológica, quanto na capacidade de dinamização da cultura (DEMO, 1996).

4.1 A PEDAGOGIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A pedagogia atual da educação de adultos está marcada ainda pela aceitação do professor como um expositor. O fruto desse ensino "repassador" é um povo que está de joelhos, porque apenas aprende; se não conseguir aprender a aprender não se levantará.

É preciso haver a redescoberta da missão do magistério sob o aspecto da pesquisa criativa, da produção própria de conhecimento. Os professores reclamam que ganham pouco, mas como não produzem conhecimento, ganham uma fortuna. Se quiser continuar tendo sentido o seu trabalho, ele deve "emergir como figura criativa (...) capaz de puxar o processo correto da mudança social" (DEMO, 1996) também na educação de jovens e adultos.

4.2 A PESQUISA CIENTÍFICA

A pesquisa científica, entendida como criação, é tarefa essencial dos dirigentes ou professores que analisam. Não basta apenas o lado gerencial como virtude a desenvolver, pois está nas mãos deles a qualidade formal e política.

Dentre os desafios que precisam atender o primeiro é vencer o duplo formalismo do professor definido feudalmente como alguém contratado para dar aula e o apego a títulos e ritos que, definitivamente, não garantem a produção própria;

esta é garantida na transformação dos professores em pesquisadores por meio das quais sejam dadas as aulas e realizadas as práticas.

Enfrentar outros dois desafios é importante, como é o fato de assumir que o aluno também comece do início na pesquisa, lendo e informando-se para aprender a aprender. O outro aspecto relevante, que é também um desafio, é o currículo que não pode atrapalhar essa atividade, mas auxiliá-la. As supervisões gerais úteis à informação básica precisam ser trabalhadas eletronicamente para que o tempo seja liberado para a pesquisa. A preocupação é a ligação da pesquisa básica com a pesquisa aplicada.

A pesquisa científica, embora ainda incipiente, poderia ser uma grande oportunidade tanto para a educação e ciência do desenvolvimento, quanto para o sistema produtivo, já que a universidade proporcionaria a pesquisa básica e o sistema produtivo, a ciência aplicada. O fundo da crise da educação é a "falta de mérito acadêmico" (DEMO, 1996).

4.3 O CORPORATIVISMO DOCENTE

O corporativismo é confundido, ainda hoje, com o sindicalismo ou reivindicação a respeito das relações de trabalho.

A culpa dada ao sistema como bloqueador de mudanças para esconder a própria comodidade do professor. Embora a questão do sistema seja crucial, há aí uma profunda contradição: se ele é a causa da desvalorização do professor e do ensino, então por que esperar dele a solução?

Por outro lado, qualquer pessoa com espírito crítico pode observar que o associativismo praticado pelo corporativismo traz as mazelas históricas de uma mudança incipiente, frente a pouca organização, poucas expressões nas assembleias trazendo, como consequência, as associações como reprodutoras passando do extremo autoritário ao extremo democratista. A solução seria aquela de iniciativa do próprio professor que se organiza, mesmo em condições indignas de trabalho, revelando que "fazer ciência é coisa estratégica para o futuro da sociedade e da economia" (DEMO, 1996).

Escárnio, fadado como na parábola dos prisioneiros da caverna de Platão.

4.4 AS PRIORIDADES

As prioridades modernizantes são indicadas como a necessidade de se obter equilíbrio entre oferta de vagas em matérias consideradas não-modernas e outras mais atuais, como matemática, biologia, ciências naturais e computação. Nenhuma disciplina pode ser considerada arcaica, tornando-se assim devido ao tratamento que recebe como não prioridade pelo mundo moderno.

Entre as disciplinas consideradas não-modernas estão: direito, administração, medicina e pedagogia. O equilíbrio indicado antes, de um lado incrementa oportunidades nas áreas ditas modernas, diminui o ritmo das não-modernas e melhora a qualidade dos dois lados, tornando-se, o moderno, desafio da qualidade. A tecnologia aparece com o rosto da modernidade e do avanço tecnológico. É a derrubada das fases anteriores tidas agora como obsoletas. Em tudo isso, o mais importante é não só a inovação tecnológica, que é instrumental, mas também a capacidade de pensar e agir na mudança como sujeito histórico.

Torna-se cada vez mais importante reavivar o compromisso com a pesquisa básica como prioridade modernizante, já que a modernidade vem de qualquer maneira por meio da tecnologia e da comunicação. O consumidor se moderniza pelo próprio consumo e, se a EJA não fizer sua parte, o sistema produtivo a substituirá por meio de suas próprias pesquisas básicas, mas para fins comerciais, quando a tecnologia se tornaria fim em si mesmo (DEMO, 1996).

4.5 HUMANIZAR A EDUCAÇÃO

Diante da desvalorização dos objetivos sociais pela ideologia neoliberalista, os professores podem optar por escolher a habilitação metodológica para produzir com autonomia, em contexto didático, tendo como base a pesquisa que conta com a própria elaboração. Está fundamentado nas didáticas atualizadas que se inspiram no aprender a aprender, ou no saber pensar, também em relevância pela ideologia neoliberal, mas que aqui prioriza a construção do próprio conhecimento para evitar que fique sucateada a reprodução copiada. Professor e aluno puxarão a modernidade, humanizando-a, ao contrário do modelo extensivo (reprodutor).

O interesse didático se desloca do repasse multiplicado por meio da aula para duas estratégias fundamentais, no espírito do aprender a aprender: instrumentar o aluno para que alcance elaboração própria, por meio do tripé filosofia, língua e matemática, e motivar o aluno a pesquisar temas relevantes da disciplina. Os alunos adultos não são obrigados a ver tudo, mas a aprofundar-se em algumas questões ou conteúdos relevantes, lembrando que o professor só pode ensinar aquilo que pesquisa a qual se torna a alma essência de alunos e professores (DEMO, 1996).

Para evitar aventuras e perda de tempo, a primeira providência é o trabalho com os professores, sendo fundamental a instrumentação eletrônica, por meio da qual se poderá substituir as aulas por vídeos. Ao invés de acúmulo de aulas, a orientação para pesquisa. É uma didática mais trabalhosa implicando tempo e dedicação para acompanhar os processos de produção dos alunos, abandonando tendências paternalistas e estimulando a consciência crítica, lembrando sempre que o que o valoriza o professor é a capacidade de inovação e pesquisa. Ele exerce o papel de orientador dos trabalhos de pesquisa dos alunos.

Se a escola pública não pode contar com aparelhos eletrônicos para a EJA, deve haver uma discussão e um despertar crítico entre professores e alunos para analisar como agir.

Sugere-se o cultivo de seminários, laboratórios como atividades participativas e coletivas que apresentam a pesquisa e seus resultados (DEMO, 1996).

4.6 FREIRE E A EDUCAÇÃO DE ADULTOS

Segundo Moreira (1999), o fundamento da educação de adultos é constituído pelas ideias e proposições de Paulo Freire. Suas reflexões sobre a prática contradizem as concepções ingênuas de alfabetização e as práticas mecanicistas alienadoras.

A tentativa de colocar em poucas linhas a síntese de suas ideias é uma tarefa difícil, mas pode-se começar destacando que teve como finalidade o trabalho com a educação de adultos, visando "criar procedimentos educativos que favorecessem o despertar da consciência crítica e que levassem à formação da personalidade democrática" (BEISIEGEL, 1982).

4.7 O DIÁLOGO

No século XX, a pedagogia dialética recolocou o tema do poder como sendo central, quando a escola passa a não ser mais considerada como redentora da humanidade (GADOTTI, 1995).

4.7.1 O conflito e a consciência crítica

A pedagogia do conflito recebe ênfase. Não há transformação pacífica, ou seja, o educador não fica neutro diante da realidade. A práxis, que significa ação, considera o homem como um ser criador, sujeito da história que se transforma à medida que transforma o mundo.

Paulo Freire (1997) faz uma crítica à política neoliberal que se instalou na sociedade, no livro *Pedagogia da Autonomia*, contribuindo para uma ideologia fatalista e desumana. Ele faz um convite para a prática da ética; da ética universal do ser humano, que liberta, gerando melhores condições de vida e condenando a exploração.

O importante é não parar no aspecto das intuições, mas submetê-las à análise metodicamente rigorosa da curiosidade epistemológica.

A pedagogia da autonomia envolve a participação da sociedade, para ser uma presença no mundo:

Gosto de ser homem, de ser gente decente, que porque sei que a minha passagem pelo mundo não é predeterminada, preestabelecida. Que o meu 'destino' não é algo dado, mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir. Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura toma parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo. O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser objeto, mas sujeito também da História (FREIRE, 1997).

Coloca-se contra a sociedade capitalista. Seu pensamento se abre em uma nova dimensão na prática educativa. Como afirmam "Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica

dos indivíduos ou das classes sociais. Sou professor contra a ordem elitista vigente que inventou esta aberração: a miséria na fartura” (FREIRE, 1997).

Para Kincheloe (1997), o ato de pensar deve marcar a metodologia empregada nos programas de educação crítica do professor. Refere-se a Paulo Freire, especialmente quanto à importância da reflexão e do pensar no ato de educar: A colocação do problema é o conteúdo da matéria, significando que o professor e os alunos refletem sobre sua vida, por isso as questões colocadas adquirem sentido. Essas reflexões possibilitam-lhes situarem-se a uma distância cognitiva que leva à ação transformadora. O Educador, o ambiente escolar e a permanência do estudante na escola.

4.8 O EDUCADOR, O AMBIENTE ESCOLAR E A PERMANÊNCIA DO ESTUDANTE NA ESCOLA

Considerando que a evasão escolar não é um ato descontextualizado, mas que envolvem dados que se cruzam no cenário da educação de adultos, neste item se priorizará a ênfase de elementos que tornam a educação uma ação libertadora e trazem bem-estar tanto ao educando quanto ao educador.

4.8.1 A educação libertadora e o desmonte da educação bancária

Freire denuncia o ensino bancário que tem por finalidade a transferência de conhecimentos. Afirma que o ensino para o pedagogo deve ser democrático no qual educador e educando troquem conhecimentos. Moura (1999) comenta que a educação problematizadora só ocorre com o desmonte da prática "bancária" de educação que ocorre numa escola em que o professor é o narrador, sujeito, e o aluno é um paciente ouvinte.

Num ambiente em que somente o professor narra, o aluno não fica à vontade.

O poder de criar é minimizado e o saber é anulado. “Os educandos representam as ‘vasilhas’, os recipientes, que serão ‘enchidos’ pelas narrações dos educadores.” Eles precisam ser dóceis e repetitivos, precisam memorizar os conteúdos. A instituição se torna acumuladora e repassadora da informação.

4.8.2 A prática ética evita a evasão escolar na EJA

Para educar com dignidade e autonomia, o profissional da educação precisa praticar uma pedagogia "fundada na ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia do educando" (FREIRE, 1997), e "vigilante contra todas as práticas de desumanização", pois é preciso que o saber-fazer da auto reflexão crítica e o saber-ser da sabedoria auxiliem a evitar a degradação humana e o discurso fatalista da globalização.

Freire concebe o ensino como algo maior do que uma profissão, pois é missão e como tal requer que os saberes dos educandos sejam respeitados. Para tal afirma ser preciso recusar o ensino bancário, aquele que apenas transfere conhecimentos, devendo-se ensinar, mais do que conteúdos, o pensamento certo. É pensando certo que se poderá intervir no mundo e conhecer o mundo, pois "ao ser produzido, o conhecimento novo supera o outro que antes foi novo e se fez velho e se 'dispõe' a ser ultrapassado por outro amanhã. Daí que seja tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e aptos à produção de conhecimentos ainda não existentes."

4.8.3 O ensino à pesquisa torna os estudantes do EJA sujeito de sua própria educação

Produzir conhecimento é pesquisar, porque não há ensino sem pesquisa e a pesquisa envolve a discussão professores/alunos a respeito da realidade concreta, para que os alunos aprendam a ser críticos, de uma crítica permanente o que pode ser conseguido utilizando a curiosidade refletindo sobre a prática. Ao lado da reflexão crítica, é preciso refletir sobre si próprio e assumir-se, "assumir-se como ser social e histórico".

Desse modo, o ensino não é transferência de conhecimento, mas requer consciência de inacabamento como ser humano e que, por isso está sempre em busca, num permanente processo social da busca, e exige autonomia ao ser do educando, humildade e luta para defender o direito dos educadores e reinventar a forma histórica de lutar. É preciso conhecer a realidade, porque ensinar requer a convicção de que a mudança pode ser realizada. "Não posso estar no mundo de

luvas nas mãos constatando apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para a inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade” (FREIRE, 1997).

Além disso, é preciso ir lendo cada vez melhor a leitura de mundo junto com os grupos com que se desenvolve o trabalho. “Paulo Freire exemplifica como isso pode ocorrer na alfabetização, numa área de miséria, “Só ganha sentido na dimensão humana se, com ela, se realiza uma espécie de Psicanálise histórico-político-social...” (FREIRE, 1997).

Paulo Freire insiste que o ensino requer que o professor crie a curiosidade no aluno, trazendo o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Os professores não devem ser autoritários, pois o autoritarismo inferioriza a tarefa formadora da autoridade. Ele lembra que a liberdade amadurece no confronto com as outras liberdades e que é importante saber escutar pois “é escutando que se aprende a falar. Aceitar e respeitar a diferença é uma virtude sem a qual a escuta não ocorre.”

É preciso reconhecer também que a educação é ideológica. O discurso da globalização fala da ética no mercado, não da ética universal. O avanço tecnológico deveria proporcionar o atendimento das vítimas do avanço tecnológico anterior. Ensinar é querer bem aos educandos, pois a abertura ao querer bem significa prática da alegria de viver.

4.8.4 A educação dialógica reinventa a educação

O ponto mais elaborado da pedagogia do diálogo deu-se com Michel Lobrot e Celestin Freinet, para quem o ponto de chegada da educação é a autogestão social.

A pedagogia do diálogo começou a ser criticada pelos positivistas ou economistas da educação que a acusaram de estar impregnada de conceitos humanistas com pouco cunho científico, pois, na realidade, não se conseguiria quantificar, como exemplo, a eficácia do diálogo em sala de aula. Na prática, foi-se tornando mais dialética do que dialógica.

Atualmente, conforme GADOTTI (1995), deu-se uma interpretação dialética ao diálogo, concebendo-a como unidade e oposição dos contrários, devendo o diálogo incluir o conflito para não se tornar ingênuo.

O que fortalece o diálogo dos oprimidos é sua força de barganha perante o opressor é desenvolvimento do conflito com o opressor que mantém coeso o oprimido com o oprimido. A dimensão contraditória diálogo-conflito não havia sido levada em conta pelos pioneiros da pedagogia do diálogo. Além de se considerar a igualdade entre o educador e o educando, é preciso realçar as diferenças. Desse modo a pedagogia do diálogo auxiliou na democratização do ensino, pois, ao colocar as relações democráticas entre professores e alunos e a instituição, evidenciou outras relações autoritárias (as relações burocráticas, institucionais) e o antidiálogo que está fortemente presente na sociedade de classes.

A característica problematizadora do diálogo proposta por Paulo Freire é chamada de "dialética da libertação humana do homem, que pode ser realizada apenas em comum, no diálogo crítico entre educador e educando (...), um momento da experiência dialética da humanização dos homens". Freire capta o sentido histórico e político do conhecimento e da teoria educativa, o papel crítico e revolucionário (GADOTTI, 1995). Entre as contradições existentes na tensão provocada pelo diálogo e conflito, estão:

- a disciplina e a liberdade;
- a tolerância e a intolerância;
- o saber e a consciência.

A pedagogia do diálogo contribuiu no desenvolvimento da pedagogia atual, tirando aquela mistificação natural do mestre como se ele fosse superior aos demais seres, e deu um salto em relação à crítica marxista da educação burguesa na segunda metade do século XIX. Mais valia-absoluta a mais-valia relativa.

No século atual, a pedagogia dialética foi além da pedagogia do diálogo por recolocar o tema do poder como sendo central, quando a escola passa a não ser mais considerada como redentora da humanidade.

Hoje, a escola é pensada em termos de lutas pedagógicas e sociais, sendo que a crise da educação é consequência da reeducação do profissional da educação, quando ele deixou ser mestre e passou a ser um profissional de massa mal-remunerado. A questão não resolve na tentativa de saber se a educação reproduz ou transforma a sociedade. É preciso mais: lutar constantemente para se tornar mais gente, mais sujeito de sua história.

Nessa visão, a escola tem um papel estratégico, pois pode ser o lugar onde "as forças emergentes da nova sociedade, muitas vezes chamadas de classes

populares, podem elaborar a sua cultura, adquirir a consciência necessária à sua organização" (GADOTTI, 1995).

Os sistemas atuais de educação são ineficientes devido à tecnoburocracia que, além de controlar os aparelhos do Estado, impõe novos padrões: valoriza demais o planejamento técnico-organizacional, a hierarquia, as estruturas e a impessoalidade. Por meio dela, a autoridade e o sistema tornam-se onipresentes e difusos, freando a criatividade. Predomina a razão técnica que amortece a espontaneidade.

A tecnoburocracia não tem pressupostos educacionais, mas políticos e econômicos, cujas ideologias são ditos pelos tecnocratas, como irracionais, que não podem ser discutidos. Dentro dessa concepção, o educador tem o encargo de defender os interesses do Estado e defender o interesse dos cidadãos diante do Estado. Alguns padrões são estabelecidos e, se não forem alcançados, o educador é tido como mau administrador.

Mesmo assim, a rigidez burocrática não consegue barrar por muito tempo a inovação pedagógica, uma vez que a escola é um organismo vivo. Acontece, então, a crise na escola, que obriga a sociedade civil a buscar novas soluções.

Para FREIRE (1975), a participação do cidadão ocorre, seja qual fora idade, por meio do diálogo.

O diálogo é este encontro dos homens mediatizado pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. Esta é a razão por que não é possível o diálogo entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não a querem; entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados deste direito. É preciso primeiro que, os que assim se encontram negados no direito primordial de dizer a palavra, reconquistem esse direito, proibindo que este assalto desumanizante continue.

Por isso, o diálogo é uma exigência existencial. E se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes (FREIRE, 1975).

E a respeito dos atos invasores de quem domina, ele afirma: "Renunciar ao ato invasor significa, de certa maneira, superar a dualidade que se encontra - dominados por um lado: dominadores, por outro" (FREIRE, 1975).

BRANDÃO (1984) questiona sobre o porquê participar da educação se ela é determinada fora do poder e do controle comunitário, e responde que é preciso:

(...) reinventar a educação. O mais importante nesta palavra reinventar, é a ideia de que a educação é uma invenção humana e, se em algum lugar foi feita um dia de um modo, pode ser mais adiante refeita de outro, diferente, diverso, até oposto. (...) Por toda parte as classes subalternas aprenderam a criar e recriar uma cultura de classe - mesmo quando aproveitando muitos elementos dominantes que lhes foram impostos como ideias ou como práticas - e também formas próprias de educação de um povo (BRANDÃO, 1984).

FREIRE (1997), ao tratar da consciência fragmentária, comenta que para superá-la é preciso ter uma experiência elaborada do conhecimento:

É aí que a intervenção do educador se torna fundamental. Entretanto, para que a educação não se torne uma renovação da dominação, apresentada sob novo aspecto, é necessário que o educador se deixe educar, se não pelo educando, por uma prática, por uma postura que deverá adotar junto com o educando, de aproximação à realidade vivida por este. É a prática que reeduca o educador, mas é ele o componente fundamental do processo (FREIRE in INSTITUTO PICHON-RIVIÈRE DE SÃO PAULO, 1987).

GADOTTI (1988) enfoca a educação como um ato político, ligado à mudança estrutural da sociedade:

A mudança estrutural da sociedade não é uma questão técnica, mas política. Para por em prática esse princípio o educador precisa assumir a ingenuidade dos educandos e depois superá-la junto com estes. O educador não pode colocar-se na posição ingênua de que detém todo o saber, mas na posição humilde de quem não sabe tudo, reconhecendo que o analfabeto não é um homem perdido, fora da realidade, mas alguém que, além de ter alguma experiência de vida, detém também um saber (GADOTTI, 1988).

Mediante essa concepção a tarefa de educar é bem diferente daquela que é vista por pessoas acomodadas: "Educar é desinstalar. O educador não é aquele que reproduz os sermões prontos e acabados, mas aquele que desperta consciência, motiva para a existência. A educação não é qualquer ação, é uma atividade criadora que traz à existência aquilo que ainda não existe" (GADOTTI, 1988). Ela é um bem social, não é uma mercadoria.

Esse bem social é ressaltado por HERKENHOFF (1989) ao tratar da gratuidade do ensino público, das verbas para a educação e da questão da escola pública e particular. Uma de suas posições a respeito fica evidente no seguinte texto:

A educação, em todos os níveis e graus, é um bem social, direito do povo, cujo provimento compete ao Estado. Não é uma mercadoria a ser comprada, como pretendem os defensores do ensino pago. Estes defendem o pagamento do ensino público, por aqueles que possam pagá-lo, apresentando um argumento aparentemente correto: as taxas pagas pelos ricos iriam permitir ao estado expandir a rede de ensino para os pobres. O argumento esconde um sofisma: primeiro não se tem garantia de que o dinheiro advindo das taxas dos ricos realmente expanda o ensino para os pobres, ou implique redução de gastos com o ensino. Em segundo lugar, a forma de se obter dos ricos fundos para a educação (numa sociedade classista) é a cobrança de impostos, especialmente o imposto de renda, e não a cobrança de taxas escolares, já que a educação não tem a função de redistribuição da renda (HERKENHOFF, 1989).

Para enriquecer o diálogo escolar é importante haver leitura, não para saciar uma necessidade, pois se estaria concebendo o conhecimento como mercadoria que os educadores têm e que passam aos educandos que não a têm. FREIRE (1975) alerta para a necessidade a unidade entre ação e reflexão:

O conhecimento não pode ser visto como coisa estática, mas implica uma constante unidade entre a ação e a reflexão, tornando base da reflexão as experiências próprias ou de outros. (...) A educação que domestica é a que transfere o conhecimento. A educação para a libertação é um ato de conhecimento e um método de ação transformadora que os seres precisam exercer sobre a realidade (FREIRE, 1975).

GADOTTI enfatiza cada vez mais a pedagogia do conflito ou da práxis, pois atribui ao papel do educador à ação de educar. Não há transformação pacífica, ou seja, o educador não fica neutro diante da realidade. A práxis, que significa ação, considera o homem como um ser criador, sujeito da história que se transforma à medida que transforma o mundo (GADOTTI, 1995).

De acordo com DAMKE (1995), a principal contribuição de Freire, como também de Fiori e Dussel na construção da pedagogia libertadora está no fato de terem chamado a atenção para os projetos globais e pedagógicos nos campos social, econômico, político e culturais chamados totalizantes. Por meio deles, mostraram que, enquanto um projeto de dominação procura interditar o acesso das

camadas populares à produção do conhecimento, o projeto de libertação pressupõe que elas são capazes de produzir esse conhecimento e de utilizá-los na transformação da sociedade.

DAMKE afirma: “Se no plano econômico a ontologia da totalidade se manifesta como vontade da conquista, no plano filosófico ou ideológico, na visão de Dussel, manifesta-se como vontade de poder, que põe valores, que cria valores e que faz tudo a partir de si e constitui o outro como ideia” (DAMKE, 1995).

Para os três autores, o processo de educação envolve, primeiramente, o momento negativo, aquele em que se denuncia e critica as ideias dominantes ou o sistema. Em seguida, o momento positivo do anúncio ou construção do novo. Ambos os momentos são dinâmicos porque incluem a participação concreta, na ação de recriar o mundo.

Para os três, a teoria do conhecimento é algo que precisa ser levado a sério, se a meta é a libertação. A dicotomia entre o saber científico e o saber popular não pode estar presente. “O caminho parte do senso comum e vai ampliando e aprofundando as esferas de compreensão da realidade até chegar ao pensamento científico-filosófico” (DAMKE, 1995).

4.8.5 O ser humano adulto é um sujeito histórico

Até agora se observou a importância do sentido da possibilidade e do impulso à ação transformadora.

Quando as camadas populares se colocarem contra as estruturas opressoras da sociedade e lutarem contra as injustiças, contra o autoritarismo em qualquer campo (ambiental, social, religioso, cultural, ideológico ou outros), começam sua ação de libertação. A primeira tarefa é a crítica do sistema por meio da demonstração do que ela tem de sofismas. Em seguida, é o encorajamento de se apropriar do conhecimento e produzi-lo para se tornar capaz de assumir a responsabilidade de sujeito e dar à história uma direção própria.

ARANHA destaca, na educação para a liberdade, os valores morais, políticos e estéticos. O homem não nasce moral, mas torna-se tal, por isso é importante o papel da escola e da educação que favorecem o convívio humano e porque todo professor é professor de moral, independente de sua especialidade. O homem moral

não é aquele que aceita passivamente as regras do grupo, mas as analisa livre e conscientemente. A plenitude moral se realiza com desenvolvimento da inteligência e afetividade do homem.

No aspecto político, que diz respeito ao uso do poder, atualmente a democracia é colocada como um bem a ser alcançado, o que favorece a participação de cada cidadão. Esse desafio não é apenas individual e escolar, mas envolve toda a sociedade (ARANHA, 1996).

Os valores estéticos estão presentes na arte que humaniza o homem e o valoriza integralmente. A palavra estética que significa em grego *aisthesis*, tem o significado da "faculdade de sentir" compreensão pelos sentidos. Por isso um bom ensino de artes torna possível o pensamento divergente.

Tem especial importância a formação ética, tornando-se possível, por meio dela, a revitalização da sociedade no âmbito da esfera pública:

Em muitos locais do país já existem trabalhos integrados entre escola e comunidade como sistema de escolas em mutirão e desenvolvimento de trabalhos artesanais.

5 CAPÍTULO III: ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA EMPÍRICA

Para a Fundamentação Teórica, foram levantados os recursos bibliográficos (em livrarias, bibliotecas, Internet, etc.), com o objetivo de descrever e classificar os livros e documentos similares, segundo critérios tais como autor, gênero literário e documentos similares. A escolha das obras foi criteriosa e reteve apenas aquelas que interessam especificamente o assunto tratado. As informações colhidas foram anotadas em fichas, pois segundo (SEVERINO, 1996), ali são descritos os dados referentes ao documento em si, conforme as técnicas bibliográficas.

A busca dos dados empíricos, deu-se por meio de questionário e entrevista semi-estruturado com professores, alunos e ex-estudantes da EJA oriundos do norte pioneiro paranaense.

Inicialmente, preparou-se um roteiro com as questões que se pretendia explorar na entrevista, com base em unidades temáticas. Foram convidados estudantes para a entrevista, como forma de uma prévia de estudo piloto para o bom encaminhamento das entrevistas posteriores. Num primeiro momento dessa entrevista ocorrida no espaço físico em uma sala de aula, houve uma certa inibição por parte dos mesmos, pois de forma coletiva vi que não surtiu efeito, pois um esperava a resposta do outro para concluir a sua. Sendo assim optei que alguns transcrevessem seus depoimentos sem imposição da grafia e ortografia nos padrões engessados de norma culta, acredito ser mais fiel, e alguns expuseram pela dificuldade da escrita, voluntariamente, oralmente sua vida pessoal e escolar. Os entrevistados no geral são uma clientela predominante de classe média baixa em busca de uma situação financeira melhor. Em face disso, encontramos com uma jornada intensa de trabalho. Para acerrar o foco principal da pesquisa, foram elencadas unidades centrais de análise do trabalho empírico; reflexões sobre globalização versus questão ambiental, representações sobre a escola, trabalho versus escola, expectativas sobre o futuro, em suma sua biografia (idade, naturalidade, história de vida, retomada dos estudos).

5.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

O grupo de estudantes investigados está inserido em minha terra natal bem como na capital paranaense.

As casas visitadas são equipadas com aparelhos eletroeletrônicos diversos 97,5% das famílias possuem chuveiro elétrico, 97,1% geladeira, 97% televisão, 93% fogão, 87,2% máquina de lavar roupa, 84,3% aparelho de som, 62,4% DVD, 42,1% videogame, 41,3% microondas, 36% dvd, 28,1% computador e outros tipos de aparelhos 0,8%. 90% possuem veículo automotor, 80% celulares.

Diferente dos ex-alunos que permaneceram no interior e os que migraram para Curitiba muitos dos nossos ex-alunos não convivem diretamente com os pais na capital paranaense. O modelo de família padrão constituído por pai, mãe e filho, já não expressa a nossa realidade nos grandes centros urbanos, há muito tempo. Entre as famílias pesquisadas no interior: casamento homoafetivo formalmente inexistente 72,3% dos alunos moram com os pais, 14,5% somente com a mãe, 5% avós, 2,1% somente com o pai, 0,4% com os tios e 5,8% com outros não especificados.

Nota-se diferente da pequena cidade interiorana em que ocorre ainda o casamento formal religioso (pedir a mão da moça em casamento, quermesse na igreja católica; sendo substituído o correio elegante pelas mensagens via *Whatsapp*); escambo, tração animal para entrega de leite in natura e a utilização de grandes bolsas de tecido chamados de “borna” ainda é uma constante, prosa nos bares totalmente descontraídos, especialidades médicas deficitárias, indústrias incipientes. Já no grande centro urbano os bairros têm “vida própria”. Prova disso é o grande desenvolvimento socioeconômico que atende a comunidade sem que esta precise se deslocar até o centro ou outras regiões para solucionar seus problemas cotidianos. O comércio é bem diversificado com lojas, lanchonetes, supermercados, papelarias, restaurantes, academias, salões de beleza, postos de gasolina, farmácias, panificadoras, direcionadas ao mundo capitalista individualista consumista, tudo gira em torno de “*money*”. Ainda oferece salvamento das almas com várias igrejas, postos de saúde para amenizar o consumo desenfreado de alimentos “T”, hospital psiquiátricos, escolas municipais, estaduais e particulares, prestadoras de serviços, linhas de ônibus, creches municipais e conveniadas com o município, Batalhão da Polícia Militar e equipamentos que prestam serviços descentralizados que visam solucionar os problemas dos cidadãos (roubos, furtos,

assassinatos). Diferente da cidadezinha em que o último boletim de ocorrência foi de roubos de galinha.

Contudo, em ambos os locais ainda há insatisfação em alguns serviços prestados, 23,10% das famílias moram em local com ruas sem pavimentação, 6,6% não possuem coleta de lixo domiciliar, 70% não separam o lixo orgânico e inorgânico, 4,5% não tem iluminação pública, 5,8% residem próximos de locais com valetas a céu aberto, 0,6% não tem energia elétrica em casa, 2,1% não tem água encanada e 2,9% não possui rede de esgoto. Das famílias pesquisadas algumas são atendidas por programas sociais do Governo. No bolsa família são 7,4%, tarifa social (Sanepar), 7%, (Luz Fraterna Copel) 5,8%, Leite das Crianças 3,3%, outros programas 1,2%.

A jornada contínua de trabalho, localização e a correria diária, a “falta de tempo” e a descrença de que podem fazer a diferença para a educação dos filhos, são as justificativas que alguns pais apresentam para se isentarem da responsabilidade ou da culpa de não acompanhar o processo escolar. Portanto, busca-se junto com a comunidade desmistificar a função social da escola.

No tocante ao grau de escolaridade dos pais os resultados obtidos apontam que em média 14,4% das mães e 10,9% dos pais concluíram os anos iniciais do Ensino Fundamental, 13,8% das mães e 15% dos pais concluíram os anos finais do Ensino Fundamental, 0,7% das mães e 0,8% dos pais concluíram o Ensino Médio e o Curso Superior 0,1% das mães e 0,1% dos pais concluíram.

Embora se constate, em relação aos anos anteriores, um acréscimo no nível de escolaridade, ainda é latente o analfabetismo funcional. Daí a necessidade da escola continuar com a oferta de Programa de Educação de Jovens e Adultos – EJA que atende, em sua maioria, parentes dos nossos educandos, como avós, alguns pais e demais interessados.

Para 66,1% das famílias pesquisadas, o papel da escola é transmitir conhecimento. Preparar para os desafios da vida 64%. Tornar o educando um cidadão ativo consciente 62%, educar os alunos 43%, realizar interações dos educandos com os outros 38,8%. Outros 1,3%.

Ainda há muito para melhorar em todos os setores e a maioria das escolas tem buscado através de suas ações diárias, levar todos a uma reflexão de suas atividades visando sempre a melhoria na execução das mesmas para uma educação de qualidade e consumo consciente.

A organização curricular Paranaense está estruturada por disciplina/unidades temáticas que correspondem às disciplinas da Base Nacional Comum exigidas para a oferta de Educação de Jovens e Adultos.

O Projeto Político Pedagógico de várias escolas visa trabalhar com o conhecimento de seu entorno, mas não ainda, com o conhecimento social de seus alunos. Acredita-se que a educação tem o papel de formar o homem político, o cidadão capaz de produzir e compreender a estrutura do mundo no qual se insere. É através da educação que se conservam ou se transformam as condições sociais existentes objetivando viver de forma harmônica com o mundo que os cerca, aduzindo a consciência efetiva no que tange preservação ambiental.

O trabalho escolar dever despertar no indivíduo o espírito crítico, ativo e pensante, capaz de refletir sobre o seu próprio modo de vida e sobre a sua significação humano-social.

Através da educação é que formamos uma sociedade organizada, predisposta a vivenciar e cultivar princípios e normas éticas, crenças e leis dentro dos padrões culturais brasileiros, respeitando o meio ambiente.

Desta forma estaremos formando um conjunto de valores em que o indivíduo tenha liberdade, solidariedade, sabendo compreender e respeitar princípios éticos, condizente com as necessidades de seu tempo. Acredita-se ser este o espírito que anima e fundamenta as bases para a totalidade do processo educativo escolar.

Implantar um projeto que vise o desenvolvimento global e harmônico do aluno a partir de suas peculiaridades, levando-se em conta a situação dos mesmos em seu mundo e especificamente na sua comunidade, de maneira a integrar a formação dos educandos à totalidade das relações sociais.

Ao final, o educando deverá ser capaz de raciocinar, analisar, participar e elaborar questões do seu cotidiano, sendo sujeitos do próprio processo, senhores do próprio destino. O PPP aqui tem um papel central, é ele quem dará substância à escola. Ele define os rumos, o caráter e a especificidade do trabalho. Deverá propor e concretizar um projeto de educação objetivo e eficiente, capaz de desenvolver integralmente o cidadão, preparando-se para uma vivência crítica na sua realidade. Dentre os objetivos é preciso que o educador desde o princípio de sua experiência formadora assume como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

Trazer ao conhecimento da comunidade escolar o resultado dos estudos, pesquisas e reflexões feitas sobre a realidade deste estabelecimento de ensino. Disponibilizar aos educandos um ensino de qualidade por meio do cumprimento dos objetivos estabelecidos em comum acordo com a comunidade buscando satisfazer as expectativas no que diz respeito à formação de um cidadão crítico.

Articular as intenções educativas da escola, bem como os conteúdos a serem trabalhados buscando utilizar recursos e meios de que dispõem ou poderão vir a dispor para a realização dos objetivos propostos.

Redirecionar as ações administrativas e pedagógicas procurando superar os problemas detectados nos vários segmentos escolares, tanto no administrativo quanto no pedagógico. Elaborar o trabalho administrativo e pedagógico a partir de uma visão democrática. Esclarecer as relações sociais existentes na comunidade escolar através de subsídios teóricos e legais para que haja um bom entendimento entre as partes.

Portanto, a elaboração do PPP, tem proporcionado momentos de reflexão envolvendo significativamente todos os segmentos da comunidade escolar, os quais foram desenvolvidos através de estudos, levantamento de dados, e estabelecimento de objetivos, proporcionando assim a todos a consciência de que cada vez mais se fazem necessários esses procedimentos. Frente aos objetivos traçados e, sobretudo, o empenho de cada segmento neste trabalho, que é coletivo, pois sabemos que a escola é um conjunto de relações sociais que expressam interesses diferentes, às vezes antagônicos, mas também são essas relações que imprimem dentro do contexto escolar uma dinâmica própria para a construção da democracia.

Hoje temos o conhecimento de que uma política educacional acertada deverá estar estruturada em ambiente que propicie discussões cada vez mais significativas em todos os segmentos envolvidos pelo contexto escolar.

5.2 MARCO CONCEITUAL

Um pensar crítico e libertador que permeia a filosofia freiriana da educação pode ser praticado e aos poucos alcançado com bons resultados na escola pública pôr educadores que acreditam ser possível unir as pessoas numa sociedade com equidade e justiça. A proposta de Paulo Freire parte do Estudo da Realidade do

educando e da Organização dos Dados que é a fala do educador onde o importante não é transmitir conteúdos específicos, mas despertar uma nova forma de relação com a experiência vivida. A transmissão de conteúdos estruturados fora do contexto social do educando é considerada “invasão cultural” ou depósito de informações” porque não emerge do saber popular.

Segundo Kant, “o fim da educação é desenvolver, em cada indivíduo, toda perfeição de que ele seja capaz.” Mas o que se deve entender pelo termo perfeição? Perfeição pode-se dizer que é o desenvolvimento harmônico de todas as faculdades humanas, o que não pode ser integralmente realizável, pois se choca com a regra a qual nos obriga a nos dedicar a uma tarefa restrita e especializada. Tal especialização não exclui, sem dúvida, certo fundo comum. Há para Durkheim, a cada momento, um tipo regulador de educação, que é o produto da vida em comum e exprimem suas necessidades. Quando se estuda historicamente a maneira pela qual se formaram e se desenvolveram os sistemas de educação, percebe-se que eles dependem da religião, da organização política, do grau de desenvolvimento da ciência, do estado das indústrias etc. A sociedade se encontra a cada nova geração, como que em face de uma tabula rasa, sobre a qual é preciso construir quase tudo de novo. Porém acima de uma educação reformista está a ação exercida, junto aos educandos pelos pais e mestres. Não há período na vida social, não há mesmo, pôr assim dizer, momento no dia em que as novas gerações não estejam em contato com seus maiores e, em que, por conseguinte não recebam deles influência educativa. Há uma educação não intencional que jamais cessa. Pelo nosso exemplo, pelas palavras que pronunciamos, pelos atos que praticamos – influenciamos de forma contínua sobre a alma de nossos filhos.

A ideia de educação reformista vem através da vontade política de melhoria da qualidade do ensino, da busca do aperfeiçoamento profissional e da organização social, entre outras posturas. Para tanto, há que se romper com as velhas práticas positivistas, opressoras e individualistas, voltando-se para o coletivo e para a importância da educação no processo de produção do conhecimento. Pois o que se obtém através dos projetos pedagógicos coercivos é o ser humano partido, esfacelado, pobre de palavras, pobre de gestos, pobre em sua condição última de ser humano.

Desta forma, o pensar e fazer educação deve trazer em si um cunho reformista e libertário. Embora ainda existam muitas dificuldades, pode-se contar

hoje com instituições e pessoas que realmente acreditam na educação como agente de crescimento do indivíduo e da nação. É importante ressaltar projetos educativos os quais vêm lutando para se imporem como instituições sérias e de extrema importância para a comunidade. Os profissionais da Educação no Brasil têm usado a criatividade para superar os problemas e as dificuldades estruturais tanto na realização de projetos pedagógicos quanto na própria realidade escolar.

Ao educar, de uma maneira geral acontece de forma permanente desde o ventre materno, desenvolvendo capacidade física, psíquica, espiritual, social, intelectual e moral das pessoas. Nesse processo o ser humano vai se realizando em relações: com o mundo, com os demais seres humanos, consigo mesmo e muitas vezes com os elementos transcendental.

Sendo o homem sujeito de sua própria educação, toda ação educativa deverá promover o sujeito como agente histórico e não como mero reproduzidor dos interesses sociais, ajustados a ela. É pela consciência crítica que se assume cada vez mais o papel de agente histórico transformador do mundo, escolhendo e decidindo, atuando decisivamente.

A participação do homem como sujeito na sociedade, na cultura, na história, faz-se na medida de sua tomada de consciência. Há que se construir uma compreensão de crítica e uma desmistificação das relações sociais opressoras, numa perspectiva de se construir relações humanizantes. E a escola é momento, o espaço privilegiado da desmistificação do social, da tomada de consciência de si mesmo e do mundo que o rodeia. Também a escola é um espaço de construção e de avanço, onde são desenvolvidas várias habilidades intelectuais. Enfatiza-se a importância do educando: aprender o modo de interagir com os companheiros; aumentar sua independência e autonomia; desenvolver padrões morais e a consciência. Assim, o educando torna-se capaz de pensar, criar, criticar, participar e ter autonomia, com domínio de conhecimento, fundamentando-se em princípios e valores éticos que os tornam capazes de valorizar-se como pessoa humana.

Todas as atividades educativas devem dar oportunidades para que o aluno desenvolva a criatividade, acreditando em seu potencial, visando um autodesenvolvimento, tornando-se assim sujeito do seu próprio processo de aprendizagem.

Cabe ao professor a responsabilidade pela prática educativa que desenvolve, pois esta assume papel imensamente importante no direcionamento da formação do

aluno. Ele é orientador, não manipulador, aquele que aponta caminhos. O professor não se sente dono do saber, mas um facilitador, estando aberto à discussão e enriquecendo-se com a troca de saberes.

Nesse processo de aprendizagem democrática, o conteúdo em sala de aula é discutido sobre os seus diversos ângulos, sendo a interdisciplinaridade uma das formas no fazer pedagógico da escola. Ela leva os professores a pesquisarem novos saberes em sintonia com os tempos atuais. Buscando compreender as relações sociais no mundo do trabalho e orientando nossos educandos, a escola está levando à compreensão política da prática social.

Deverão ser encontradas metodologias que favoreçam essas capacidades e também o desenvolvimento da autonomia do sujeito, o sentimento de segurança em relação as suas próprias capacidades, interagindo de modo orgânico e integrado num trabalho de equipe e, portanto, sendo capaz de atuar em níveis de interlocução mais complexos e diferenciados. Assim, não se busca apenas um ensino de qualidade capaz de formar cidadãos que interfira criticamente na realidade para transformá-la e não apenas para que se integrem ao mercado de trabalho.

5.3 SUJEITOS DA PESQUISA

“Eu nasci em Santa Mariana, Paraná

Me criei, casei e separei tenho três filhos eles são os anjos que Deus botou no meu caminho eu não queria estudar mais. Tive a necessidade de voltar a escola no momento eu acho que não estou aprendendo mas espero que eu consiga

Não vou desistir, meus filhos me incentivam. tenho fé em Deus que eu aprendo. Voltei a estudar porque eu queria fazer curso no liceu não me aceitavam Porque não sabia ler, eu gosto de trabalhar com artesanato tem trabalho que depende de leitura. Tinha uma enorme mata São Francisco lá, mais grande parte foi derrubada pra formação de café.”

“Nascido no dia 23/10/1960 na cidade de Itambaracá, estado do Paraná e criado em Cambará me casei com meus 16 anos e trabalho como estoquista. Voltei a estudar porque hoje eu preciso muito mais dos estudos do que eu pensava no passado pela profissão que exerço exige muita sabedoria em tudo tanto em português para falar ou para escrever e da matemática para as contas das peças e cálculos. Hoje eu tenho certeza que aprende mais uma parte e está sendo muito bom para mim e to vendo que estou aprendendo cada dia mais. Lá no norte tá uma seca só, acredito que seja pelo descampado.”

“Eu sou casado tenho minha família
 Meu netos Eu nasci no estado de São Paulo e foi forma café no Paraná. Eu
 vin para Escola para aprender
 Estou aprendendo a ler e a escrever porque é preciso para a ler no dia a dia
 Eu cuido de 2 crianças e preciso ler as bulas de remédio para dar as
 crianças eu estou me sentindo muito bem em família tenho 72 anos. Lembro
 da giada de 75, quando acordamo era uma desolação só.”

“Tenho 46 anos só de cor branca tenho um metro e sessenta de altura nasci
 no Paraná em Ribeirão do Pinhal
 Vivi até os meu doze anos de idade.
 Edai meus pais resolveram ir para o Paraquai.
 E lá vivemos mais de dez anos lá a gente vivia de plantar soja, batata,
 arroz, milho e algodão e feijão e outras plantas.
 E mais tarde resolvemos vir para cidade em busca de uma vida melhor.
 Mais era só ilusão de melhor não havia nada
 Hoje sinto saudades daquela vidinha que a gente vivia no campo, criando
 os bichos. O transênico veio devagarinho e tomou conta de tudo lá.”

“O motivo de Eu voltar a estudar é que a pessoa sem estudo não é
 ninguém.
 Até para pegar uma lotação e ir nos lugares é muito difícil porque você
 depende de perguntar para as pessoas
 As vezes está do lado da Rua E não sabe, é uma vergonha a gente não
 saber ler, porque as vezes a gente está do lado do lugar e precisa
 perguntar.
 Esse foi o motivo de eu ter voltado a estudar. Tenho 65 anos e sou de
 Abatiá Praná, agente prantava mio.”

“Eu sou casada tenho 5 filhos eu nasci em Sertaneja eu trabalho no Batel.
 Sou porteira do condomínio eu faço o meu serviço, abrindo as portas dos
 elevadores. Trabalho com 4 pessoas, voltei a estudar por que a firma pediu.
 Para marcar os envelopes registrados, as caixas registradas,
 Eu aprendi bastante por que eu nunca tinha ido para Escola.
 Hoje eu realizo o meu trabalho.
 Eu vou continuar na escola, tenho 57 anos e pretendo estudar mais.
 Tá difícil viver lá no norte porque as máquinas tomarão conta de tudo.”

“Bom eu morava com o meu pai em Bandeirantes. Eu trabalhava em uma
 usina da cidade como tratorista, bom eu fazia 6 meses de safra de cana-de-
 açúcar.
 Na parada da usina eu fui passar em Curitiba na casa da minha tia para
 passar o Natal com ela. Ela ofereceu para eu morar em Curitiba com ela
 falou que eu tenho mais oportunidade de estudar e fazer alguns cursos para
 arrumar um serviço melhor.
 Eu aceitei e voltei a Bandeirantes e pedi a conta da usina, vendi o meu
 carro e conversei com o meu pai e ele apoiou. curso de Elétrica muito bom.
 E comecei a tirar a carteira de habilitação.”

“Tenho 31 ano vim de Batiá sou casado e tenho 2 filhos e trabalho muito para dar o melhor para eles mais eu ainda acho pouco esse e um dos motivo que eu tenho para voltar a estudar e para que eu não perca o meu emprego pois eles pedem o 2º grau estou muito feliz por estar estudando Aprendi muito e quero aprender mais. Trabalho na roça não dava tempo de ir pra cidade estudar.”

*Os textos acima foram digitalizados de forma fidedigna as escritas dos entrevistados abaixo; mesmo com erros de concordância e ortografia da norma culta língua portuguesa.

A produção de texto referente aos alunos do EJA acima foi realizada com roteiro prévio (Idade? Qual sua profissão? Por que voltou a estudar? Qual sua experiência com a agricultura/meio ambiente?). Ambas elaboradas com auxílio da Professora regente, resposta transcrita de forma fidedigna de acordo com os alunos, não levando em consideração a grafia, pontuações erradas da língua portuguesa. Logo, abaixo palavras em negrito em letra de forma, remete a pergunta elaborada pelo docente; já as respostas em letra minúscula ora em letras somente maiúsculas, mostra o processo de aprendizado pela qual os alunos aos poucos estão adquirindo motricidade, aprendizagem pela letra cursiva.

IDADE: 65

QUAL SUA PROFISSÃO? ENTREGADOR DE MERCADORIAS EM GERAL

POR QUE VOLTOU A ESTUDAR? EU COMECEI AGORA PORQUE MEU PAI NÃO ME COLOCOU QUANDO CRIANÇA

QUESTÃO AMBIENTAL? DESDE PEQUENO O TRABALHO NA ROÇA ERA SUADO. PLANTAVA ATÉ PERTO DOS RIOS, PASAVA VENENO PRA MATA AS PRAGAS

Eu tenho 32 anos

Eu sou doméstica

Eu moro em Curitiba

Eu voltei a estudar porquê eu quero aprender mais

Quando dava muito café o preço caía demais

EU TENHO 48 ANOS

EU SOU ZELADORA

EU COMECEI A ESTUDAR PORQUE EU QUERO LER

O ROÇADO PARECIA NÃO TER FIM

Eu tenho 38 anos
 A minha profissão é cabelereira
 Eu voltei a estudar por que tenho que tirar a carteira de habilitação
 Sol forte e o trabalho pesado na roça não era fácil não

IDADE: 67

QUAL É A SUA PROFISSÃO? APOSENTADA

POR QUE VOLTOU A ESTUDAR? PORQUE PRECISO APRENDER A LER

TINHA QUE LEVAR MUITA ÁGUA PRA ROÇA PORQUE O RIO AVA SUJO DE VENENO

Eu tenho 42 anos
 A minha profissão é Padeiro
 Eu voltei Para aprender a ler
 Debulhá mio no sorsão não era fácil não
 Eu tenho 52 anos
 Eu sou pintor de automóveis
 Eu voltei estudar porque quero aprender a ler
 Tinha pouca sombra porque as plantação tomou conta de tudo

IDADE: 503

ONDE NASCEU? MINAS GERAIS

CONTE A SUA HISTÓRIA:

VIVI DESTE CRINÇA EM BATIÁ PRANÁ
 TENHO 4 FILHOS E 6 NETOS
 TRABALHO COIDALIZO DEDICAM
 A QUE ELES ME DEDICAM
 A NOITE QUANDO POSSIVEO
 VENHO PARA ESCOLA
 QUANDO NÃO JENHO PARA ESCOLA
 É PORQUE TENHO UM COMPROMISSO
 COM DEUS DE IR A I GRÉLA
 LEVAR ÀS CRINCAS QUE
 CUIDO

POR QUE VOLTOU A ESTUDAR?

VOLTEI A ESTUDAR PORQUE
 GUERO CONHER MAIS
 TENHOM UM GRANDE SONHO
 E PARA ISSO PRECISO ESTUDAR
 MUITO PARA TIRAR A CARTEIRA DE HARCLITCAO

O QUE MELHOROU COM SEUS ESTUDOS?

FIZ MUITAS AMIZADES, CONHECI
 MUITA GENTE BUNITA E
 MARRAVILHOSA E JE ESTOU LENDO E ESCRREVENDO
 HOJE EU JÁ SEI FAZER A LEITURA DA BIBLIA
 DEVIA ACABA COM A DISTRUIÇÃO DO MEIO AMBIENTE

IDADE: 52

ONDE NASCEU? SANTO ANTONIO DA PLATINA PARANÁ

CONTE SUA HISTÓRIA:

SOU CASADA - TENHO 3 FLHOS
 TRABALHO NA - ãRE A DE LIMPEZA
 DOESCRITORO: SAIO PELA NANHA
 E VOLTO A TARDE CHEGO EM CASA
 PEGO OS CADERNOS E PARA A ESCOLA VOU

POR QUE VOLTOU A ESTUDAR?

PARA APFRENDER – A LER A BBILÍA
 SENDO QUE TIVENUITO
 APOIO DAS MINIHAS

O QUE MELHOROU COM SEUS ESTUDOS?

MELHOROU MU MUITO. JÁ
 RECONHECO AS LETRAS DO
 ALFABETO – LEIO ALGUMAS PALAVRAS TENHO EXCENTES AMIZADS
 ONDE – AMBOS – SE AJUDAM
 EM BUSCA DO CONHECINENIO
 TRABALHAVA NA ROÇA DE MILHO, FEIJÃO E CAFÉ
 ERA COMUM UTILIZAR VENENO COMO AZUDRIM, SEM NINHUMA
 PROTEÇÃO

IDADE: 43

ONDE NASCEU? Maringá

CONTE SUA HISTÓRIA:

sou casada, tenho filhos
 Vim morar em Curitiba. Onde conheci meu es poso onde estou casada há
 13 ano
 Sou dona de casa e estudo a noite

POR QUÊ VOLTOU A ESTUDAR?

Porque Eu quero Aprender A ler e escrever para poder saber o que
 acontece no mundo Através de leitura nos jornais e revista E poder auxiliar
 meus filhos nos seus estudos

O QUE MELHOROU COM SEUS ESTUDOS?

Estou melhorando cada vez mais. Sinto mais segura minha auto-estima
 está olimá
 Adoro minha professora
 Já estou lendo algumas Palavra
 Devagar eu vou atingir meus objetivos
 Os grande agricultor tomou tudo com cana e soja, não perdoa nem os leito
 dos rio

IDADE: 57

ONDE NASCEU? BANDEIRANTES

CONTE SUA HISTÓRIA:

SOU CASDA, TENHO 4 FILHAS E 1 RAPAZ – AS MOÇAS TODAS
 CASADAS. VIVO COM MEU MARIDO 35 ANOS. APESAR DA MINHA VIDA
 SER CONTURBADA, PELO FATO DO MEU MARIDO BEBER. NÃO
 PERCO A ESPERANÇA EM DEUS. QUE ELE POSSA OPERAR NA VIDA,
 DO MEU MARIDO
 DIANTE DE TUDO AGRADEÇO A DEUS

PELO MEUS FILHOS E NETO. ESTUDO A NOITE

POR QUE VOLTOU A ESTUDAR?

NUNCA TIVE A OPORTUNIDADE DE ESTUDAR QUANDO ERA MAIS JOVEM

SOMENTE AGORA PELA 1ª VEZ

ESTOU TENDO ESSA O DOR TUNIDADE

DE ESTUDAR. ONDE MEU SONHO E ESCFREVER MEU NOME E PODER LER A BIBLIA

O QUE MELHOROU COM OS ESTUDOS?

MELHOROU BASTANTE MINHA AUTO-ESTIMA JÁ ESTOU LENDO – A JUDO MINHAS COLEGAS E TENHO BOAS AMIZADES.

A USINA DE CANA TROCOU O CORTE DOS BOIA FRIA POR MAQUINÁRIOS

*Os textos acima foram digitalizados de forma fidedigna as escritas dos entrevistados abaixo; mesmo com erros de concordância e ortografia da norma culta língua portuguesa.

5.4 INSTRUMENTOS DE PESQUISA

O instrumento de pesquisa escolhido foi à entrevista e o questionário, que constou de algumas perguntas (idade, naturalidade, profissão, conte sua história, o porquê voltou a estudar e a questão ambiental).

Particularmente preferi a entrevista descontraída sem engessamento, na qual foi mais salutar na coleta verídica dos fatos.

Após a leitura dos questionários, foi realizada entrevista com respostas orais para aprofundar alguns questionamentos necessários.

TABELA 1 – FATORES RELACIONADOS (Grau de concordância com as frases)

Trabalho braçal dignifica o ser humano	5
Os grandes centros urbanos têm melhor qualidade de vida	20
Agricultura orgânica dá mais trabalho que as convencionais	15
Trabalho rural junto ao latifúndio é mais reconhecido	5
Capital monetário em larga escala traz felicidade	40
Veneno é essencial para produção em larga escala	15
O bem material tem mais valor que o bem cultural	20
Devemos cuidar do meio ambiente	40
Capitalismo é mais importante que o meio ambiente	40

FONTE: O autor (2021).

TABELA 2 – DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS QUANTO SUAS EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO À RETOMADA DOS ESTUDOS EXPLANAÇÃO SUA VIDA EMPÍRICA

Aulas interessantes (aprendizado satisfatório)	22
Respeito do aluno pelo papel do professor	18
Vínculo positivo entre o professor e aluno	22
Valorização de sua bagagem cultural	20
Trabalho	40

FONTE: O autor (2021).

5.4.1 Metodologia utilizada em sala de aula

TABELA 3 – DISTRIBUIÇÃO RELACIONADOS (Grau de concordância com as frases em)

Interessantes	15
Não interessantes	2
As vezes sim as vezes não	4
Outros	1

FONTE: O autor (2021).

O respeito pelo aluno adulto é enfatizado na afirmação de FREIRE (1985): “Estamos todos nos educando (...). A sabedoria parte da ignorância. Não há ignorantes absolutos (...). O que lhe falta é um saber sistematizado.”

Ele enfatiza também que “não podemos nos colocar na posição do ser superior que ensina um grupo de ignorantes, mas sim na posição humilde daquele que comunica.” (FREIRE, 1985).

5.4.2 Trabalho e problema familiares

TABELA 4 – DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS QUANTO À DESISTÊNCIA DOS ALUNOS DA EJA

Trabalho	50%
Problemas familiares	50%

FONTE: O autor (2021).

A desistência dos alunos de EJA é justificada por eles devido ao trabalho (50%), problemas familiares (50%).

Apesar de todos os problemas indicados, sabe-se que o ambiente escolar acolhedor é uma mola propulsora que atrai os alunos ao estudo reflexivo, crítico em sua vida, tentar amenizar os impactos influenciadores do mundo capitalista consumista é uma constante. Como a aprendizagem na maioria das vezes é transmitida pelos docentes de forma rotineira e sistemática sem se preocupar com a vida pessoal do discente e o diálogo (experiência de vida do aluno fica em segundo plano), o ambiente torna-se obscuro, cansativo fora de seu contexto social, tornando meramente diploma de papel. Cujas fontes de papel tendem a ser no mínimo reutilizáveis. No que tange EJA da zona rural o problema é mais gritante, após jornada agrícola braçal cansativa, a distância soma-se como fator desmotivacional na continuidade dos estudos. A relação de matrículas no meio rural entre os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental estabelece que, para duas vagas nos anos iniciais, existe uma nos anos finais. Esse mesmo raciocínio pode ser feito com relação aos anos finais do Ensino Fundamental e Médio, com seis vagas correspondendo a apenas uma no Ensino Médio (MOLINA et al., 2010). Tal desproporção na distribuição percentual das matrículas revela um afunilamento na oferta educacional do meio rural, dificultando o progresso escolar daqueles alunos que almejam continuar os seus estudos em escolas localizadas nesse território.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo imenso trabalho de campo e na coleta de dados em ambas as localizações sinto que os depoimentos dos alunos da EJA são um reflexo de nossas atitudes globais. Esse público-alvo alunos e ex-alunos da EJA agricultores oriundos do norte pioneiro paranaense; a epidemia capitalista como chaga impregnou-nos de forma acentuada em seu ser; o consumismo imediatista é mais gritante na faixa etária até os 40 anos cuja fala saudosista bucólica não transparece em suas atitudes, preocupando-se em sua grande maioria ressaltar os bens consumíveis conquistados. Entre a faixa etária dos 60 anos em diante mesmo inseridos nesse mundo contemporâneo em todas as esferas, devido a experiências negativas do passado, absorvem o mundo consumista com mais parcimônia e respeito ao meio ambiente é uma constante, já que sentiram na pele/ carne experiências negativas de não respeitá-la. Porém, por questões econômicas e financeiras muitos também relegam a natureza salutar em último plano. Sendo assim com alegrias e decepções dos reencontros após 26 anos de magistério na EJA, procurei estabelecer uma análise do triple do século XXI. Não deixar que a ganância consumista imediatista sobressaia sobre os valores ambientais e sociais mundiais: respeito, parcimônia, saúde, bem-estar em todos as esferas em prol de um mundo melhor para se viver.

O defeito maior da humanidade é só pensar em seu umbigo; enquanto não estiver afetando o seu lado, que se exploda o resto. Só quem sentiu na pele as mazelas da degradação ambiental e impregna o espírito da natureza em seu espírito, pode continuar lutando, nem que seja como uma formiguinha carregando uma folha.

Reflexão acerca do Meio Ambiente em um todo versus capitalismo (consumismo); até que ponto nos deixaremos levar (induzir) pela política neoliberal da ganância financeira de prazer momentâneo. Se somos simples mortais por que tantos bens monetários/ materiais? Diante da globalização comercial mundial, parece que só somos felizes quando adquirimos algo palpável materializado. Se bem que o sentido da vida está nos simples gestos de contemplação visual/sonora da natureza em sua essência (Mata Atlântica/ ainda o que resta). Ver que uma pequena planta, um animal não pede nada em troca, somente que façamos nossa parte que ele contribui com o ecossistema fazendo a sua. Vai bem colocar uma sementinha na terra e vê-la germinando e regando-a com carinho bons frutos dará.

Diante da globalização comercial mundial, o meio ambiente (viver bem com qualidade alimentícia) estão relegados em escala micro (alimentos orgânicos somado ao alto custo do câmbio monetário). Exportações em volume alarmante da ração humanitária emergente geneticamente modificada; encher o “bucha” da maioria da população mundial, anabolizantes, envelopar, engessar, inchaço; a sensação de saciar a fome de quê? Quem garante que a interferência destrutiva do meio ambiente, não resultará em um alarme, chamamento, intimação; por parte do Planeta Terra, com a disseminação de doenças. Talvez uma resposta imediata de que nada somos diante da fúria da natureza. Minha biografia resumidíssima, pautada na simplicidade de um cidadão comum, sem holofotes; e retomada da análise minuciosa dos agentes sociais que estiveram diretamente ligados ora com a agroecologia e ao agronegócio e os dados estatísticos; cheguei conclusivamente de como a regra desumana consumista sobrepõe os valores éticos ambientais.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Editora Elefante, v. 3, 2019.
- ALLEYNE, G.A.O. Health and the quality of life. **Rev. Panam. Salud Publica**, v. 9, n.1, 2001.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.
- ARROYO, Miguel González; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. **Por uma educação do campo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- BEISIEGEL, Celso de Rui. **Política e educação popular**: a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil. São Paulo: Ática, 1982.
- BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade**: o que é - o que não é. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CANCIAN, Nadir. **Cafeicultura Paranaense**: 1900-1970. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1977.
- DA LUZ, A. A.; DA LUZ, G. O. F. **Manual de iniciação à pesquisa**. Curitiba, 1999.
- DAMKE, Ilda Righi. **O processo do conhecimento na pedagogia da libertação**: as ideias de Freire, Fiori e Dussel. Petrópolis, R.J.: Vozes, 1995.
- DEMO, Pedro. **Desafios modernos da educação**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Dicionário em construção**: interdisciplinaridade. 2. ed. São Paulo: Cortez, v. 1, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- GADOTTI, Moacir. **Educação e poder**: introdução à pedagogia do conflito. São Paulo: Cortez, 1998.
- GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da práxis**. São Paulo: Cortez, 1995.
- GADOTTI, Moacir. **Educação e poder**: introdução à pedagogia do conflito. São Paulo: Cortez, 1998.

GADOTTI, M; TORRES, C. A. **Estado e educação popular na América Latina**. Campinas, SP: Papirus, 1992.

GENTILI, P. **Pedagogia da exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação**. 4 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

GENTILI, P. **Pedagogia da Exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação**. 8 ed., Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

GENTILI, Pablo. **A falsificação do consenso: simulacro e imposição na reforma educacional do neoliberalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

GIL, António Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

GIROUX, H. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia da aprendizagem crítica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GIROUX, H. **Educação e mudança**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GUERGOLET, Álvaro. **Florzinha do Paraná**. Abatiá, 1971.

HADDAD, S. **Ensino supletivo no Brasil: o estado da arte**. Brasília: Reduc, 1987.

JÚNIOR, Caio Prado; FERNANDES, Florestan. **Clássicos sobre a revolução brasileira**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

KERKENHOFF, J. B. **Dilemas da educação dos apelos populares à Constituição**. São Paulo: Cortez, 1989.

KINCHELOE, J. L. **A formação do professor como compromisso político: mapeando o Pós-Moderno**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LAGO, André Aranha Corrêa do. **Estocolmo, Rio, Joanesburgo: o Brasil e a três conferências ambientais das Nações Unidas**. Thesaurus Editora, 2007.

LE PRESTRE, P. **Ecopolítica Internacional**. São Paulo: Senac, 2000.

LUTZENBERGER, José. **Por uma ética ecológica**. Porto Alegre: Correio do Povo, 1971.

LUTZENBERGER, José. **Manifesto ecológico brasileiro fim do futuro?** 3. ed. Porto Alegre: Movimento, 1980.

LUTZENBERGER, José. **Manifesto de Curitiba, declaração de princípios do movimento de Luta Ambiental**. Ação Democrática Feminina Gaúcha, 1978.

MARTINS, Ana Luiza. **O trabalho nas fazendas de café**. São Paulo: Atual, 1994.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Construindo a Agenda 21 Local**. Brasília, 2000.

MOLINA, M.C; MONTENEGRO, J.L.A; OLIVEIRA, L.L.N.A. **Das desigualdades aos direitos**: a exigência de políticas afirmativas para a promoção da equidade educacional no campo. Campina Grande: Raízes, 2010.

MOLINA, M.C; SÁ, L.M. **A Licenciatura em Educação do Campo da Universidade de Brasília**: estratégias político-pedagógicas na formação de educadores do campo. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

MOREIRA, A. F. **Multiculturalismo, Currículo e Formação de Professores**. Campinas, SP: Papirus, 1999.

MOURA, Tania Maria de Melo. A Prática Pedagógica dos Alfabetizadores de Jovens e Adultos: Contribuições de Freire, Ferreiro e Vygotsky. Maceió: EDUFAL, v. 1, 1999.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação popular e educação de adultos**: contribuição à história da educação brasileira. São Paulo: Loyola, 1973.

PARRON MARIA, Joaquim. **Novos paradigmas pedagógicos**: para uma filosofia da Educação. São Paulo: Paulus, 1996.

PELLEGRINI, C.G.C.D. **O Tempo de Seo Celso**. Londrina: Midiograf, 1990.

PIMENTA, S. G. **Pedagogia, ciências da educação?** São Paulo: Cortez, 1986.

PORTO-GONÇALVES, C.W. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 1989.

RIBEIRO, W. C. **Geografia política e gestão internacional dos recursos naturais**. 2010.

SAVIANI, Dermeval. **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. São Paulo, 1980.

SCHILLING, Voltaire. **Grandes Correntes do Pensamento**: da Grécia Antiga ao Neoliberalismo. Porto Alegre: AGE, 1998.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 1996.

ZEICHNER, K. M. **A formação reflexiva de professores: ideias e práticas**. Lisboa: Educa, 1993.